

# A base ecológica dos cacicados amazônicos

Robert L. Carneiro<sup>1</sup>

**Tradução para o português** de Denise Pahl Schaan<sup>2</sup> do manuscrito inédito:

*The Ecological Basis of Amazonian Chiefdoms* (s.d.)<sup>3</sup>

## Resumo

Os cacicados encontrados na Amazônia na época do primeiro contato europeu têm se tornado objeto de crescente interesse antropológico. Esse artigo inicia por discutir as várias teorias que têm sido propostas para explicá-los, incluindo aquelas de Julian Steward, Betty Meggers e Clifford Evans, Donald Lathrap e Anna Roosevelt. Depois de descrever as várias teorias, o autor apresenta sua própria, que enfatiza fatores ecológicos, incluindo a guerra. Atenção é dada à importante distinção entre terra firme e várzea. O foco então se volta para a arqueologia da ilha de Marajó, cuja interpretação tem sido ardorosamente disputada. O artigo conclui com a discussão mais detalhada por parte do autor sobre a formação de cacicados, apresentando duas teorias similares, mas de certa forma diferentes, sobre como cacicados emergiram, e dando suas próprias razões para favorecer uma delas.

Palavras-chave: Cacicado, Complexidade social, Arqueologia amazônica

---

<sup>1</sup> American Museum of Natural History, New York.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará, Laboratório de Antropologia, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Arqueologia. Contato: denise@marajoara.com.

<sup>3</sup> Esse ensaio foi escrito por Robert Carneiro há mais de dez anos e permanecia inédito, sendo compartilhado apenas por alguns poucos antropólogos e arqueólogos interessados no desenvolvimento de complexidade social na Amazônia. Apesar de não contemplar a bibliografia produzida nos últimos 8 ou 10 anos, o trabalho continua bastante atual e sua revisão da história do debate sobre cacicados, esperamos, será de grande valia para os estudiosos dos processos de mudança cultural na Amazônia.

## Abstract

The chiefdoms found in Amazonia at the time of first European contact have become the subject of increased anthropological interest. This paper begins by discussing various theories that have been proposed to account for them, including those of Julian Steward, Betty Meggers and Clifford Evans, Donald Lathrap, and Anna Roosevelt. After describing their various theories, the author presents his own, which emphasizes ecological factors, including warfare. Attention is also paid to the important ecological distinction between *terra firme* and *várzea*. The focus then turns to the archaeology of Marajó Island, the interpretation of which has been keenly disputed. The article concludes with the author's more detailed discussion of chiefdom formation, presenting two similar but somewhat different theories of how chiefdoms arose, and giving his reasons for favoring one of them.

Key words: Chiefdom, Social complexity, Amazonian archaeology.

## Introdução

O conceito de cacicado, que alcançou tanta proeminência nas últimas três décadas, tem sido associado com a América do Sul desde seus primórdios. O estágio de cacicado, assim como o próprio termo, foram primeiramente propostos por Karlevo Oberg em seu pouco citado artigo principal: *Types of Social Structure Among the Lowland Tribes of South and Central América* (1955). O cacicado era o terceiro dos seis tipos, ou níveis de organização política de Oberg, e ele o caracterizava da seguinte forma:

Unidades tribais pertencendo a este tipo são cacicados formados por muitas aldeias, governadas por um chefe supremo em controle de distritos e aldeias governadas por uma hierarquia de chefes subordinados. A característica distintiva desse tipo de organização política é que os chefes têm poderes judiciais para resolver disputas e punir

os culpados mesmo com a morte e, sob a liderança do chefe supremo, requisitar homens e mantimentos para a guerra (Oberg, 1955:484).

Como um delineamento das maiores características de um cacicado, essa passagem pode dificilmente ser melhorada. Mesmo assim, na época em que o artigo de Oberg apareceu, recebeu pouco reconhecimento. Não foi senão sete anos depois, com a publicação de *Primitive Social Organization* (1962), de Elman Service, que o conceito de cacicado começou a receber atenção geral. O cacicado era o terceiro estágio, na seqüência dos quatro tipos de Service: bando, tribo, cacicado e estado. Graças ao grande impacto do pequeno livro de Service, aparecendo, como foi, em tempo extremamente oportuno no âmbito do ressurgimento do evolucionismo cultural, o conceito de cacicado logo encontrou um lugar estável na paisagem antropológica. Hoje, é indispensável na reconstrução da evolução política, não somente na América do Sul, mas onde quer que um alto nível cultural tenha sido alcançado (veja, por exemplo, Carneiro, 1992).

A origem do cacicado como um estágio evolucionário, na verdade, começa mesmo antes de Service e Oberg, e se deve a Julian Steward. Enquanto editava o *Handbook of South American Indians*, no começo dos anos 1940, Steward começou a se dar conta de que certas sociedades que ele tinha agrupado originalmente com as simples "Tribos da Floresta Tropical" na verdade tinham tido, aboriginalmente, uma cultura distintivamente mais elevada. Nesse sentido, ele as separou das culturas de floresta tropical e colocou-as em um volume separado. E porque essas altas culturas tinham, em sua maioria, circundado o mar do Caribe, ele deu ao volume onde as colocou, o título de *The Circum-Caribbean Tribes*. Steward foi prejudicado pela falta de um nome próprio para elas, mas hoje nós reconhecemos tais "tribos" como cacicados.

Cacicados não mais existem na América do Sul. Logo, são tipos de culturas pouco conhecidas, sombrias, etéreas, e nós temos muitas questões acerca delas. Uma das principais questões é: o que deu origem aos cacicados em primeiro lugar? E de interesse especial para nós aqui é: por que os cacicados surgiram em certas partes da Amazônia e não em outras? O resto desse artigo irá traçar as tentativas que têm sido feitas para responder a essas questões.

Ao editar o *Handbook*, Steward procurou uma forma de organizar as culturas da América do Sul de acordo com alguma lógica básica que fosse mais do que meramente geográfica. O que ele obteve foi a quádrupla tipologia de marginal, floresta tropical, circum-caribenho e andino. Enquanto essas categorias têm uma base regional, elas são mais do que simples áreas culturais. Elas eram também estágios evolutivos. Hoje, nós podemos relacionar marginal com bando, floresta tropical com tribo (ou, como prefiro dizer, aldeia autônoma), circum-caribe com cacicado e andino com estado.

## A teoria de Steward

Dados seus interesses evolucionistas, Steward sentiu que precisava tentar reconstruir de maneira geral a pré-história sul-americana, incluindo a Amazônia. Uma vez que pouca evidência arqueológica estava disponível, ele teve que tentar essa reconstrução com base na etnologia do continente e em certas noções de ecologia cultural. Mas Steward estava consciente de que a única maior distinção dentro da Amazônia era aquela entre áreas ribeirinhas e interfluviais. Dessa maneira, ele escreveu (Steward, 1948a:886):

...as diferenças ecológicas importantes eram aquelas entre povos ribeirinhos e povos do interior... As diferenças estavam nos recursos, e esses parcialmente determinaram a densidade populacional e tamanho da comunidade, o que em seu turno condicionou os padrões sociopolíticos.

Apesar de reconhecer as maiores áreas ribeirinhas da Amazônia como ecológicamente superiores aos interflúvios, Steward não pensava que elas eram suficientemente produtivas para que altas culturas – cacicados – lá tivessem surgido. Ainda que possa parecer surpreendente, ele não estava muito a par de que cacicados de magnitude considerável estavam florescendo ao longo do rio Amazonas quando europeus o exploraram pela primeira vez. Ele estava ciente, contudo, de que cacicados tinham uma vez existido em Llanos de Mojos, na Bolívia. Entretanto, uma vez que sua existência ia contra sua visão sobre a limitada capacidade de sustentação da floresta chuvosa, ele buscou a difusão para dar conta de sua presença nos Mojos, derivando-os dos Andes.

Steward postulava que uma cultura formativa, ou do tipo chefatura tinha primeiro se desenvolvido nos Andes, e ele foi adiante para caracterizar esta cultura formativa como tendo um chefe poderoso, como sendo estruturada em classes, como tendo um culto ídolo-templo-sacerdote, e assim por diante.

Dos Andes centrais, esta cultura formativa ter-se-ia movido em direção ao norte para a Colômbia e então em direção leste através da América do Sul, mais tarde penetrando nas Índias ocidentais. Quando povos portadores desta cultura alcançaram elevações mais baixas, Steward pensou, não tiveram problema em subjugar ou deslocar os povos marginais pré-agricultores que encontraram vivendo lá. O que lhes causou problema, entretanto, foi o meio-ambiente. O clima mais chuvoso e os solos mais pobres que encontraram nas terras baixas, Steward considerou, não puderam sustentar a agricultura intensiva sobre a qual essa cultura formativa de nível cacicado tinha se baseado. A cultura circum-caribenha, dizia Steward (1948b: 14), dependia de *populações densas agrupadas em aldeias grandes e estáveis* e este tipo de padrão de assenta-

mento tornou-se *difícil de manter nas florestas tropicais, onde a agricultura de coivara é praticada...*

Desta maneira, a cultura circum-caribenha foi forçada a declinar para o nível de floresta tropical. Cacicados desfizeram-se em aldeias autônomas. Chefes supremos foram reduzidos a chefes de aldeias locais. Especialistas em tempo integral perderam seus empregos. E os cultos ídolo-templo-sacerdote se desintegraram, deixando em seu lugar somente simples xamanismo. Para Steward, então, a cultura de floresta tropical não tinha se desenvolvido a partir das culturas marginais, mas tinha involuído a partir da cultura circum-caribenha. Da foz do Orenoco, Steward (1949:770) viu essa cultura, agora diminuída, espalhando-se ainda mais na direção leste através das Guianas e então subindo o Amazonas para o coração do continente.

Esta interpretação da pré-história Amazônica foi logo colocada em teste por Irving Rouse para o norte da América do Sul e por Betty J. Meggers e Clifford Evans para a foz do Amazonas. Rouse começou por assinalar que, se a teoria circum-caribenha de Steward estava certa, iriam ser encontradas culturas nessa região mostrando a seguinte seqüência estratigráfica:

1. Uma série de Culturas Marginais, representando a ocupação original da área.
2. Cultura Circum-Caribenha, indo dos Andes e se disseminando por toda a parte.
3. Cultura de Floresta Tropical, desenvolvendo na parte central da área e se espalhando em direção sul para as Guianas ... (Rouse 1953:189).

Mas essa seqüência não foi o que a evidência arqueológica revelou. Em nenhum lugar onde a cultura circum-caribenha foi encontrada era a primeira cultura cerâmica e horticultora a ter surgido. Em todos os lugares, era antecedida pela cultura de floresta tropical. A con-

clusão parecia inevitável: onde quer que cacicados tivessem aparecido no norte da América do Sul, eles tinham aparentemente se desenvolvido localmente a partir de culturas simples, mas ainda assim agricultoras (Rouse, 1953:195-197).

Vamos agora voltar nossa atenção para Betty Meggers e Clifford Evans e seu papel no desenvolvimento de teorias sobre a pré-história amazônica. Por quase um século é sabido que grandes e bem ornamentadas urnas funerárias eram encontradas em vários sítios na ilha de Marajó, na foz do Amazonas. A alta qualidade da artesanaria desses vasos sugeria que tinham sido feitos por uma cultura relativamente avançada. Qual era a natureza e origem daquela cultura? E, uma vez que não tinha sobrevivido à época do contato, o que teria levado ao seu desaparecimento? Essas eram questões que Meggers e Evans se propuseram a responder quando eles começaram a escavar na ilha de Marajó em 1949.

O que eles encontraram parecia confirmar a visão de Steward. Suas escavações mostraram que uma cultura complexa, que eles chamaram Marajoara, tinha uma vez existido em Marajó, e sobre essa cultura eles escreveram:

Toda a evidência arqueológica indica que representa uma cultura de nível de desenvolvimento circum-caribenho ou sub-andino, com uma tecnologia e organização sociopolítica mais avançada do que de seus predecessores ou sucessores no baixo Amazonas. As grandes obras de terra erigidas como sítios de habitação e os cemitérios implicam a organização de trabalho e de liderança para dirigi-los. Estratificação social é mais diretamente revelada no tratamento diferenciado aos mortos. Divisão do trabalho é também sugerida pela elaborada e variada arte cerâmica ... Ainda que não existam templos, a existência e ídolos e de elaboradas práticas funerárias indica um sistema religioso bem desenvolvido (Meggers & Evans, 1957:593).

A natureza da cultura Marajoara era evidente, mas sua origem continuava a ser um mistério. *Essa cultura parece ter chegado na ilha de Marajó no ápice de*

seu desenvolvimento eles escreveram. O destino da cultura Marajoara era também claro: ... sua história local revelada no registro arqueológico é de uma lenta deterioração (Meggers & Evans, 1957: 593).

Por que Marajoara ter-se-ia dissolvido? Meggers e Evans (1957:594) sugerem a seguinte resposta:

Uma análise dos recursos de subsistência da floresta tropical em geral, e da ilha de Marajó em particular, leva à conclusão de que estes não são suficientes para a manutenção de uma cultura altamente desenvolvida. As demandas da fase Marajoara estavam então em desequilíbrio com a capacidade normal de produção de alimentos do meio-ambiente e, quando esse foi cobrado além de seus recursos, o empobrecimento resultante refletiu-se no conteúdo da cultura. Uma vez que o ambiente não poderia moldar-se às demandas da cultura, a cultura deveria se submeter às limitações do ambiente, o que significa uma simplificação a um nível que era adaptado aos recursos de subsistência.

E, é claro, se o ambiente da floresta tropical não poderia sustentar chefaturas como a Marajoara, certamente não poderia dar origem a elas. Talvez o resultado mais claro dessa pesquisa, Meggers e Evans (1957:589) afirmaram,

tenha sido a conclusão de que a cultura nos arredores desse delta não pode ser entendida exceto como um reflexo dos eventos que tiveram lugar nos centros vitais em outros lugares do continente em épocas mais antigas.

Eles não entram em detalhes com relação aonde as raízes da cultura Marajoara estariam, mas, seguindo Steward, eles voltaram-se para os Andes como o único ambiente que poderia ter permitido tal cultura emergir.

Entretanto, se a tese geral de Steward pareceu confirmada, alguns elementos específicos não foram. Steward tinha sugerido que a cultura de Floresta Tropical tinha parado sua expansão em torno das Guianas, e continuado ao sul para a foz do Amazonas e então se direcionando rio acima a partir dali. Mas Meggers

e Evans (1957:604) não encontraram nenhuma evidência ... para sustentar a conclusão de que uma rota importante de migração passasse para baixo ao longo da costa e então em direção ao interior e rio Amazonas acima.

Além disso, ainda que Meggers e Evans acreditassem na deterioração inevitável de qualquer cultura de nível circum-caribenho introduzida na Amazônia, eles não acreditavam, como Steward, que tal deterioração era a melhor maneira de explicar a origem da cultura de floresta tropical em primeiro lugar. Afinal, a primeira cultura que eles encontraram em Marajó não era Marajoara, mas Ananatuba, uma cultura agrícola simples de ceramistas, claramente do tipo de floresta tropical (Meggers & Evans, 1957: 590, 598). Logo, eles concluíram: Nós não acreditamos que o padrão de cultura de floresta tropical como um todo é derivado por desculturação do nível circum-caribenho de desenvolvimento... Apesar da falta de provas naquele tempo, eles preferiam ver o padrão de cultura de floresta tropical como tendo-se desenvolvido de uma antiga cultura de caçadores, pescadores, coletores, com a ajuda de técnicas difundidas do oeste (os Andes) onde uma evolução similar tinha tido lugar algum tempo antes (Meggers & Evans, 1957:605).

Mesmo antes de terminar o trabalho em seu relatório sobre a pesquisa em Marajó, Meggers audaciosamente elaborou uma teoria sobre empecilhos ambientais. Ela argumentava que o ambiente de floresta tropical da Amazônia tinha colocado limites estritos ao nível que uma cultura poderia atingir. A tese de Meggers, colocada em seu famoso artigo *Environmental Limitations on the Development of Culture* (1954), era que o principal fator determinando o quanto uma cultura poderia desenvolver-se era o potencial agrícola de seu habitat. Este fator determinava densidade populacional, que em seu turno determinava desenvolvimento cultural. Meggers estava

convencida de que a bacia amazônica tinha um potencial agrícola baixo, logo não poderia suportar a densidade populacional necessária para que cacicados emergissem. Logo, se um cacicado tinha existido lá, deveria ter sido intrusivo.

A interpretação de Meggers não ficou sem críticas. Edwin Ferdon (1959) argumentou que potencial agrícola não era uma característica fixa e imutável dos solos, mas poderia ser grandemente modificado pela tecnologia. Eu, também, juntei-me ao debate. Eu tinha recém retornado de um trabalho de campo entre os Kuikuru do Brasil central quando o artigo de Meggers foi publicado, e tinha percebido que algumas das limitações que Meggers pensava serem inerentes a qualquer região tropical não se aplicavam ao alto Xingu. Em um artigo publicado em 1961, eu argumentava que, mesmo com seu cultivo simples de coivara, era tecnicamente possível para os Kuikuru produzir um excedente de alimentos, ter tempo de sobra após tarefas de subsistência, e ter sustentado uma aldeia de mais de mil pessoas.

Clifford Evans (1955:90) tinha escrito que

o ambiente da floresta tropical... não permite a produção agrícola intensiva que resulta em grande rendimento por homem/hora de trabalho, o que é essencial para o sustento contínuo de um nível avançado de desenvolvimento cultural.

Eu podia mostrar, entretanto, que, no que tange à produção de alimentos, seja medida por unidade de terra ou por unidade de trabalho, a agricultura Kuikuru poderia facilmente superar a dos Incas! Mas, é claro, os Kuikuru nunca tinham dado origem a um cacicado, enquanto que os Incas tinham desenvolvido um império. Por quê?

Se as explicações tradicionais em termos de excedente de produção de alimentos não funcionavam, então o que era? Como Meggers, eu acreditava no forte efeito matriz do ambiente. E, como Meggers, eu pensava que o ambiente ti-

na impedido o estado de desenvolver-se na Amazônia. Mas o ambiente natural é multifacetado. Ele pode agir em uma variedade de maneiras para limitar o desenvolvimento cultural. Se as maneiras que Meggers tinha sugerido não era as verdadeiras, quais seriam?

No final de meu artigo de 1961 eu explorei essas questões e concluí que a maior diferença crítica entre as duas regiões, no que tange à formação do estado, era circunscrição ambiental. Estava presente nos Andes, mas ausente na Amazônia. Então eu propus uma teoria geral sobre a origem do estado baseada especificamente neste fator.

Agora, o estágio intermediário entre a aldeia autônoma – característica da Amazônia – e o estado – característico dos Andes – era o cacicado. Apesar de eu ter usado o termo cacicado em meu artigo de 1961, eu falhei em notar que, durante o século XVI, cacicados grandes, poderosos e complexos tinham existido ao longo de grandes extensões do rio Amazonas. Mas eles existiram. E foram descritos como tal nos relatos de antigos viajantes do Amazonas (por exemplo, Medina, 1934; Ursua, 1861; Acuña, 1859 e 1891). O fato de que cacicados estiveram lá em número considerável, era, é claro, repleto de significado.

Certamente, nem todos os cacicados mencionados nestas primeiras fontes poderiam ter sido intrusivos na Amazônia. A maioria, se não todos, deveria ter-se desenvolvido *in situ*. Logo os fatos, assim como se apresentavam, apontavam claramente para o desenvolvimento indígena de cacicados ao longo do Amazonas. A conclusão parecia inescapável: contrário ao que Meggers e Evans tinham argumentado, condições especiais em certas partes da Amazônia tinham permitido – e de fato promovido – a emergência de cacicados nativos. E este fato clamava por uma explicação, preferencialmente uma, mais em termos de fatores ecológicos gerais do que em ter-

mos de circunstâncias históricas particulares. Mas minha luta com as causas dos cacicados amazônicos se encontraria ainda alguns anos no futuro.

A década de 1960 assistiu a uma nova figura adentrando o campo da pré-história amazônica: Donald Lathrap. Em seu livro *The Upper Amazon*, que apareceu em 1970, Lathrap tentou proporcionar uma ampla síntese da história cultural da Amazônia. Diferentemente de outros estudiosos da área, ele considerava a Amazônia não um recipiente passivo, mas uma grande doadora de cultura para o resto da América do Sul. Consistente com isso, Lathrap rejeitou a noção de Meggers e Evans de que a cultura de nível cacicado era intrusiva na Amazônia. *Eu tenho persistentemente mantido a visão*, escrevia ele, *de que a cultura Marajoara desenvolveu-se dentro das florestas tropicais da América do Sul...* (Lathrap, 1970:150).

Apesar de sua defesa da emergência local dos cacicados amazônicos, Lathrap não fez nenhuma tentativa de propor uma teoria detalhada e coerente sobre como estes cacicados teriam emergido. Ele meramente indicou os abundantes recursos alimentares da Amazônia e a pressão populacional como ingredientes no processo. *Antes de 2000 AC até 1500 AD*, ele escreveu

a história cultural da bacia do alto Amazonas pode ser mais bem entendida em termos do funcionamento de um potencial econômico e demográfico do padrão de cultura da floresta tropical... (Lathrap, 1970:45).

O único modelo que ele apresentou estava relacionado mais com a migração de povos do que com a evolução da cultura. De acordo com o modelo cardíaco de Lathrap, como gosto de chamá-lo, quando a pressão populacional ao longo do Amazonas central atingiu um certo nível, ventrículos ecológicos começaram a contrair, empurrando rios de pessoas para fora do lotado coração do

Amazonas em direção a suas muitas artérias, quer dizer, seus tributários.

Mas esta maneira de desafogar do confinamento pela pressão populacional provou ser somente temporária, e o processo recomeçou. De fato, nesse modelo, o coração é do tipo que está sempre batendo, Lathrap (1970:75) supondo que teria havido *pressão populacional relativamente constante, [e] graus de migração relativamente constantes...* Por contrações sucessivas dos ventrículos ecológicos, rios de Arawaks, Caribes e Tupis foram, no curso de milênios, impulsionados aos pontos mais distantes do Amazonas (Lathrap, 1970:74).

Eu acho que o modelo cardíaco de Lathrap é plausível. Ele proporciona um mecanismo efetivo para dar conta de grande parte das distribuições lingüísticas e tribais que existiam em 1500. O que estava acontecendo ao longo do Amazonas central parece ser a chave para os aspectos mais importantes da pré-história amazônica no resto da bacia amazônica.

No mesmo ano da publicação de Lathrap do livro *The Upper Amazon*, eu retornei ao problema da evolução política em um artigo intitulado *A Theory of the Origin of State* (Carneiro, 1970). Desta vez, eu prestei mais atenção ao cacicado. Não bastava dar conta da emergência de cacicados em áreas com circunscrição ambiental, como o vale de Cauca na Colômbia, por exemplo; mas e sobre a Amazônia, onde cacicados floresceram, mas não eram tão circunscritos? Como poderíamos explicar os cacicados lá? Algum fator adicional seria necessário, e este fator adicional, me ocorreu, era concentração de recursos. E aqui está como, então, eu pensei que esse fator tinha operado.

Com contínuas regiões de terras aráveis estendendo-se para dentro a partir do rio Amazonas por centenas de milhas, por que haveria cacicados ali?

Para responder a essa questão, nós precisamos olhar de perto as condições

ambientais sustentadas pelo rio Amazonas. Ao longo das margens do rio, e sobre suas ilhas, existe um tipo de terra chamado várzea. O rio inunda essa terra a cada ano, cobrindo-a com uma camada de lodo. Por causa desse reabastecimento anual, a várzea é uma terra agrícola de primeira qualidade que pode ser cultivada ano após ano sem nunca ter que deixá-la descansar. Logo, entre os agricultores nativos, era altamente considerada e grandemente cobiçada.

As águas do Amazonas eram também extraordinariamente generosas, provendo peixes, peixes-boi, tartarugas e ovos de tartarugas, assim como outros alimentos ribeirinhos em quantidades inexauríveis. Em virtude dessa concentração de recursos, o Amazonas, como habitat, era distintivamente superior às terras do interior.

A concentração de recursos ao longo do Amazonas equivalia quase a um tipo de circunscrição. Enquanto não existia clara separação entre terras produtivas e improdutivas, como havia no Peru, existia um gradiente ecológico claro. Logo, muito mais recompensador era o rio Amazonas e áreas adjacentes e tão desejado se tornou como habitat que os povos das regiões vizinhas foram atraídos a ele. Eventualmente, concentração ocorreu ao longo de muitas partes do rio, ocasionando guerras nas áreas ribeirinhas. E os que perdiam a guerra, para que continuassem a ter acesso ao rio, freqüentemente não tinham escolha senão submeter-se aos vitoriosos. Por essa subordinação de aldeias a um chefe supremo que surgiu ao longo do Amazonas, cacicados representaram um passo além na evolução política que tinha ocorrido em outras partes da bacia Amazônica (Carneiro, 1970:736-737).

Com isso, eu pensei ter apresentado um relato coerente, consistente e conclusivo sobre como os cacicados amazônicos teriam emergido. Alguns acontecimentos, no entanto, iriam me mandar de volta ao atelier. Algumas pinceladas

ainda estavam faltando, e algumas feições tinham que ser retocadas. Mas estes refinamentos estariam somente alguns dez anos à frente na estrada, então me deixem continuar a contar a história de maneira cronológica.

No ano seguinte ao aparecimento de *A Theory of the Origin of State*, Betty Meggers publicou *Amazonia, Man and Culture in a Counterfeit Paradise* (1971). Esse livro mostrou claramente que, durante os anos que se passaram, Meggers tinha ampliado e aprofundado seu entendimento da pré-história Amazônica. Primeiro de tudo, ela estava, agora, totalmente consciente da existência prévia de cacicados ao longo do Amazonas. De fato, um capítulo de seu livro (Meggers, 1971:121-149) apresentava um esboço de duas dessas chefaturas, os Omágua e os Tapajós. Em segundo lugar, Meggers não mais sustentava que qualquer cacicado encontrado na bacia amazônica fosse necessariamente intrusivo; eles poderiam muito bem ter emergido ali. E em terceiro lugar, ela descartava a visão da Amazônia como um ambiente indiferenciado de floresta tropical com capacidade de carga baixa e uniforme. Agora ela claramente reconhecia a diferença crucial entre várzea e terra firme, e enfatizou como algo importante essa distinção. Logo, ela sustentava que, por causa de seu rico aluvião e seus recursos aquáticos inesgotáveis, a várzea era totalmente capaz de dar origem a culturas do tipo cacicado, enquanto a terra firme não era.

Ao final de seu capítulo sobre as culturas da várzea, Meggers (1971:146) mais uma vez levanta a questão que por muito tempo a intrigava.

O alto nível de desenvolvimento cultural adquirido na várzea, [ela escreveu], nos faz questionar se isso é principalmente um reflexo da grande acessibilidade dessa porção das terras baixas amazônicas às influências emanando da área andina ou se isso pode ser explicado como consequência de evolução cultural.

Para responder a essa questão, ela comparava os Kamayurá, Kayapó, Omá-gua e Tapajós, sociedades com estruturas sociopolíticas sucessivamente mais complexas, e, encontrando que as diferenças entre elas estão correlacionadas com aumento da densidade populacional, ela é levada a concluir:

Se essa correlação entre complexidade cultural e concentração populacional é válida, é óbvio que nenhuma familiaridade com estas práticas em outra sociedade poderia provocar sua adoção antes que certo patamar de densidade populacional fosse alcançado. Conseqüentemente, uma vez que essa densidade crítica foi alcançada, a adaptação efetiva não apenas permite, mas requer o desenvolvimento de novos mecanismos integrativos, de modo que esses irão emergir independente do modelo estar disponível ou não (Meggers, 1971:148).

Uma conclusão mais satisfatória, a meu ver.

Agora, permitam-me uma última contestação. Enquanto Meggers pensava que os cacicados eram intrusivos na Amazônia, talvez houvesse pouca necessidade de explicar sua origem, onde quer que tenham emergido. Mas se ela agora pensava que esses cacicados surgiram na Amazônia, então havia mais uma razão para propor uma teoria sobre sua origem. No entanto, apesar de apontar para a generosa subsistência e a densa concentração de pessoas na várzea, e falar sobre a necessidade correspondente de desenvolver novos mecanismos integrativos, ela não fez isso.

O requerimento primário de qualquer teoria que pretende dar conta da origem dos cacicados é que proporcione um meio para a transcendência da autonomia local. Aldeias autônomas, como todos sabemos, apegam-se às suas soberanias individuais de maneira tenaz. Como essa resistência a perder a soberania é suplantada? Na minha opinião, a guerra de conquista é a única maneira. Como, então, Meggers se posiciona quanto ao papel da guerra?

Primeiro, deixe-me ir de volta a Clifford Evans, que, ao criticar *The Upper Amazon* de Lathrap, escreveu o seguinte:

Não existe indicação... de que pressão populacional da magnitude necessária para dinamizar o modelo [modelo cardíaco de Lathrap] existiu em algum lugar da Amazônia, muito menos em torno da boca do rio Negro. Nem existe nenhuma evidência de que grupos amazônicos lutaram pela terra; ao contrário, os primeiros exploradores estiveram universalmente impressionados pelo fato de que a aquisição de territórios nunca era produto da guerra... (Evans, 1971:1416).

No entanto, enquanto esta afirmação pode servir para alguns grupos amazônicos, não se aplica aos povos vivendo ao longo do Amazonas propriamente dito, que, como as primeiras fontes deixam claro, lutavam precisamente sobre a posse de áreas junto ao rio.

Sobre esse assunto, Meggers é mais cautelosa do que Evans. Tendo lido as primeiras fontes cuidadosamente, ela tem consciência do que elas dizem sobre a causa da guerra. Portanto, ela jamais minimiza ou ignora o papel da guerra na criação dos cacicados amazônicos. Logo, ela fala de guerra ao longo do Amazonas no século XVI como sendo conduzida, primariamente, entre os ocupantes da várzea e os ocupantes da terra firme, o que certamente era verdadeiro; mas, e sobre tempos mais antigos? Poderia a guerra ter sido o instrumento que originalmente acabou com a autonomia das aldeias e forçou a agregação de aldeias sob um líder bem-sucedido na guerra? E isso não criou as condições que trouxeram à tona aqueles mecanismos integrativos que ela corretamente via como uma característica essencial do processo de formação de cacicados?

E agora deixe-me pular um pouco à frente, para 1980. Neste ano, adentrando na arena da pré-história amazônica, usando botas de sete léguas, veio Anna Roosevelt. Em seu livro *Parmana*, Roosevelt revisita as teorias existentes da pré-história amazônica, achando que

não são de seu gosto, e oferecendo sua própria, audaciosa e ambiciosa, reconstrução.

As primeiras 56 páginas de *Parmana* contêm a mais completa e incisiva crítica das interpretações teóricas da Amazônia jamais realizadas. Um por um, Roosevelt pega os argumentos de todos os teóricos antropológicos conectados com a Amazônia, e cada um deles cai sentindo a dor de sua chicotada. Ao discutir minha teoria sobre a origem dos cacicados amazônicos, Roosevelt parece pronta para aceitar dois de seus elementos: a noção de que cacicados emergiram através da guerra de conquista e o fato de que a pressão populacional foi o que causou a guerra.

Entretanto, Roosevelt fez uma objeção à cadeia de argumentos que eu apresentei para dar conta do estopim da guerra de conquista. Especificamente, ela argumentou que meu uso da concentração de recursos estava falho. A maneira com que eu apliquei à Amazônia, ela disse, continha um elemento de voluntarismo. Bem, em meu artigo de 1970 eu tinha enfaticamente rejeitado teorias voluntaristas de desenvolvimento político, argumentando que somente uma coercitiva poderia fazê-lo. Logo, disse Roosevelt, minha introdução e certo voluntarismo na descrição da emergência dos cacicados amazônicos envolvia-me em uma contradição. E ela estava certa.

Sem que eu me desse conta, a explanação dos cacicados amazônicos que eu tinha proposto de fato estava manchada com voluntarismo. Considerando esta frase-chave de meu artigo: *...e os vencidos na guerra, para que pudessem ainda ter acesso ao rio (e a seus recursos) freqüentemente não tinham outra escolha senão submeter-se aos vitoriosos* [ênfase adicionada]. Mas as palavras *freqüentemente não tinham outra escolha* eram ambíguas e ilusórias. O que eu estava realmente dizendo era que eles tinham uma escolha. Isso implicava que

os grupos vencidos poderiam ter se mudado para o interior e desta maneira permanecido autônomos, mas, em vez disso, eles teriam escolhido não fazê-lo. Frente às alternativas de manter sua autonomia, por um lado, e ficar perto dos generosos recursos alimentares do Amazonas, por outro, eles tinham escolhido a última.

O que estava faltando em minha aplicação da teoria, para que não fosse voluntarista, era algo que dissesse que o grupo vencido não poderia ter se mudado para longe, porque não havia para onde ir. E, ao omitir tal afirmação, acabei implicando que existia um local para ir, mas que eles tinham escolhido não ir; logo, meu cenário era de fato voluntarista.

Eu devo dizer que, mesmo antes de Roosevelt ter publicado sua crítica, eu estava vagamente consciente dessa contradição. Mas só vagamente. E em vez de enfrentar isso de frente, eu tinha deixado essa questão adormecida em algum lugar da minha mente. Agora eu era forçado a confrontá-la e, se possível, resolvê-la.

## A reformulação da concentração de recursos

Desde 1980, eu tinha pensado bastante sobre concentração de recursos, e acabei por vê-lo sob uma nova perspectiva (Carneiro, 1987). Concentração de recursos esteve realmente envolvida na emergência dos cacicados amazônicos, mas não agiu sozinha. Ela operou ao criar circunscrição social, com todas as suas inevitáveis conseqüências.

Eu devo dizer uma palavra aqui sobre circunscrição social. Esse conceito não estava em minha formulação original da teoria da circunscrição. Ele foi adicionado em 1970, tendo sido emprestado de Napoleon Chagnon, que inventou e cunhou o termo em 1968. Tão logo Chagnon o propôs, eu reconheci sua utilidade. Para mim parecia ser a chave para

entender como o estado poderia emergir em áreas como as terras baixas Maias, onde a circunscrição ambiental não existia.

Brevemente, circunscrição social resulta quando densidade populacional cresce em uma dada área, chegando ao ponto em que as pessoas são impedidas de se mover de seus locais porque todas as terras em volta estão ocupadas. As conseqüências militares e políticas da circunscrição social são claras. Ela age essencialmente da mesma maneira que a circunscrição ambiental. Um grupo vencido na guerra, não tendo para onde ir, é então subjugado à incorporação forçada na unidade política dos vencedores.

A questão central agora surge: circunscrição social esteve realmente presente ao longo do Amazonas logo antes da emergência dos cacicados? Para ser consistente e correta, minha teoria requer um sim. Mas a realidade seria gentil o suficiente para se conformar à minha teoria? Vamos ver.

As fontes etno-históricas sugerem que a circunscrição social esteve realmente operando aqui, mesmo antes de 1542. Para começar, elas falam de assentamentos muito próximos uns dos outros ao longo do Amazonas. Em um trecho do rio de 240 milhas de comprimento, por exemplo, Carvajal relata que não havia mais do que um tiro de ballesta entre as aldeias (Medina, 1934:198). E para o interior, longe do rio, o quadro não era diferente. Então, não havendo a escolha de habitar a frente do rio, o interior era também habitado. E esses habitantes do interior vinham todo o dia para o rio para tentar deslocar aqueles que estavam assentados lá (Medina, 1934:190). Além disso, um século depois, Cristoval de Acuña (1959:196) encontra os Omáguas ainda guerreando contra muitos outros grupos, *que estavam continuamente atacando-os a partir do interior*. Logo, um anel apertado parece ter sido forjado em torno das margens do grande rio.

Essa pode não ser uma evidência conclusiva para a existência de circunscrição social ao longo do Amazonas no momento em que os primeiros cacicados surgiram, mas pelo menos aponta naquela direção.

Com essa reformulação da teoria da circunscrição aplicada à Amazônia, o demônio do voluntarismo tinha sido exorcizado. Assim como os cacicados em outros lugares do mundo, aqueles da Amazônia emergiram através da guerra de conquista, desencadeada pela pressão populacional, operando em uma região tão densamente ocupada que escapar era efetivamente impossível.

## A crítica de Roosevelt

Mas existia ainda mais para ser dito. Ao apontar uma inexatidão em minha reconstrução da história cultural da Amazônia, Anna Roosevelt me fez um grande favor. Agora eu gostaria de retribuir esse favor.

Em seu livro, *Parmana*, Roosevelt está profundamente interessada nos fatores ecológicos por trás dos cacicados amazônicos. De fato, ela propõe uma nova proposta ecológica de como os cacicados emergiram. E o ator principal nessa teoria é o milho. Antes de examinar sua tese, contudo, vamos voltar um pouco.

Todos os participantes do "Grande Debate Protéico", que tem tido lugar por mais de duas décadas na Amazônia, concordam perfeitamente em uma coisa. Para se desenvolver como um cacicado, uma sociedade precisa possuir uma fonte de proteína substancial e essencialmente imóvel. Qualquer sociedade que depende da caça para a maior parte de sua proteína não seria uma boa candidata para um cacicado.

Com a caça eliminada, somente duas fontes de proteína estão abertas a um possível cacicado: peixes e outros recursos aquáticos por um lado, e cultivo, de outro. De todos os maiores cultivos da

Amazônia (sendo feijão um menor), o único com uma maior proporção de proteína é o milho. E foi o milho, disse Roosevelt, que proporcionou a proteína sobre a qual os cacicados do Amazonas e do Orenoco se criaram.

Para começar, ela disse (1980:150), *todas as populações humanas têm uma tendência a crescer e a colocar pressão nos recursos de subsistência*. Além disso, ela considera que tal pressão estava já crescendo ao longo do Amazonas no começo do primeiro milênio a.C, no tempo em que a agricultura era ainda baseada na mandioca, que notoriamente é pobre em proteína.

Por conseguinte, ela argumenta (1980:159), *se cultivo intensivo de ... grãos poderia ter elevado a capacidade de carga dos habitats da várzea, então o cultivo do milho teria sido levado a sério logo após a planta ter sido introduzida....* Com a chegada do milho, o palco estaria preparado para um incremento ainda maior de populações ao longo do Amazonas. E foi esse crescimento, diz Roosevelt, que impulsionou o surgimento dos cacicados.

Agora, para a teoria de Roosevelt ser verdadeira, o milho deveria ter sido a única fonte que poderia ter sustentado as sociedades amazônicas com quantidades adequadas de proteína. Peixe e outros recursos aquáticos não poderiam ter cumprido esse papel. Tivessem peixes e peixes-boi e tartarugas e ovos de tartarugas sido capazes de proporcionar a quantidade requerida de proteína, então a teoria do milho de Roosevelt se tornaria supérflua. E o que é supérfluo pode ser dispensado. Dando-se conta disso, Roosevelt (1980:94-112) continua sistematicamente a minimizar a contribuição da fauna ribeirinha à dieta dos cacicados do Amazonas e Orenoco. Se ela é bem-sucedida nessa empreitada, isso é então crucial para o argumento. Vamos ver o que a evidência mostra.

O mais antigo relato dos índios do rio Amazonas é o de Gaspar de Carva-

jal, cronista da viagem de Francisco de Orellana em 1542. Descendo o rio Amazonas, Orellana e seus homens freqüentemente passavam fome. Não acostumados a subsistir no ambiente tropical, eles freqüentemente paravam em aldeias indígenas para trocar algo por comida ou, algumas vezes, para tomá-la à força. Carvajal (*apud* Medina, 1934: 204, 409, 414-415, 419, 430) repetidamente menciona encontrar suprimentos de peixes nestas aldeias e, ocasionalmente, fala algo sobre as quantidades nas quais eles eram encontrados. Por exemplo, Orellana mandou um oficial com 25 homens para a aldeia de um chefe Omágua chamado Machiparo e o oficial lhe relatou que

havia uma grande quantidade de comida, tal como tartarugas em currais e tanques de água, e uma grande quantidade de carne, peixe e biscoito [beiju], e tudo isso em tal abundância que seria suficiente para alimentar uma força expedicionária de mil homens por um ano... (Medina, 1934:192).

Ouvindo isso, Orellana mandou um segundo oficial à terra para buscar alguma comida, e o oficial retornou *quando ele tinha juntado mais de mil tartarugas...* (Medina, 1934:193). E, evidentemente, isso era uma fração das tartarugas normalmente mantidas à mão, uma vez que, 18 anos mais tarde, quando a expedição de Pedro de Úrsua também parou na aldeia de Machiparo eles viram lagos cercados por paliçadas que mantinham seis a sete mil tartarugas (Úrsua, 1861:31).

Mais longe, rio abaixo, em uma aldeia em algum lugar entre a boca do rio Negro e do rio Madeira, Carvajal relata:

nós encontramos muita comida, especialmente peixe, e de tantas variedades, e tanta abundância que bem poderíamos ter carregado totalmente nosso bergantim... [E, ele continua] este [peixe] os índios tinham secado, para ser transportado ao interior e vendido... (Medina, 1934:207).

Quase um século depois, em 1639, Padre Cristoval de Acuña encontrou es-

ses índios ainda subsistindo em tamanha fartura de animais aquáticos. Depois de descrever quanta mandioca e milho os índios colhiam, Acuña (1891:45) diz, *contudo, o que eles mais comem e, como dizem, fazem uso para uma refeição são peixes, que, de uma abundância incrível, eles pegam todos os dias nesse rio* (1891:50). “Mas”, ele adiciona, *entre todos [esses peixes], aquele que, como um rei, reina sobre todos os outros desse rio, das cabeceiras a sua boca, é o peixe-boi*, que então pensavam era um peixe (1891:50). Os peixes-boi, que os índios pegavam em grande quantidade, Acuña observou (1891:51) que *assados sobre uma grelha duram mais de um mês*; completando que, por falta de sal, não poderiam ser preservados por um ano inteiro (1891:51; ver também Carvajal, *apud* Medina, 1934:417, 419).

Apesar do fato de que eles não podem preservar a carne do peixe-boi seco por muito tempo, [Acuña (1891:52) continua], eles não deixam de ter carne fresca durante a estação chuvosa, que [falando da carne de tartaruga], apesar de não tão saborosa como a outra, é mais saudável e não menos satisfatória. Eles pegam essas tartarugas, [ele continua] em tal abundância que não existe curral que não tenha cem ou mais tartarugas, de maneira que esses nativos nunca sabem o que é fome, uma vez que uma só tartaruga é suficiente para satisfazer uma família inteira independente de quantos membros tenha (1891:54).

Em certo momento Roosevelt (1980: 109) escreve:

Não é provável que as técnicas de secagem, salga e defumação ... teriam tornado possível para as populações aborígenes que habitavam as várzeas estocar suficiente carne de peixe por tempo suficiente para compensar a disparidade sazonal de oferta de peixe.

Mas o que ela apresenta como uma desvantagem pode em verdade ter sido uma virtude. Ouçam mais uma vez a Padre Acuña (1891:55):

Com grande facilidade os habitantes desse rio dispõem de todos os tipos de peixe que

ele contém e, nunca temendo faltar peixe no dia seguinte, eles nunca [se dão ao trabalho de] prover o anterior, mas, sustentados pelo que pegam hoje irão comer o produto de outra pescaria amanhã.

O quadro da pesca no rio Amazonas que emerge dessas primeiras fontes então, é bastante diferente daquele pintado por Roosevelt. Era marcado, não por escassez, mas por abundância, e não pelo uso ocasional ou sazonal de peixe, tartarugas e peixes-boi, mas por uma forte dependência deles todo o ano. E não somente o peixe parece ter existido em grande abundância para a subsistência de aldeias junto ao rio, mas havia, em algumas aldeias ao menos, um excedente dele para trocar com aldeias do interior que aparentemente não tinham acesso ao rio.

Vamos nos voltar agora ao Orenoco e ver como estava a proteína aquática no rio onde Roosevelt trabalhou. A melhor fonte para o médio Orenoco é o livro de Padre José Gumilla, *El Orenoco Ilustrado y Defendido*, que descreve a vida indígena observada por ele entre 1715 e 1738.

Gumilla (1963:219) nunca se cansa de notar as vastas quantidades de peixe que foram encontradas no Orenoco e nas lagoas e canais as quais o rio inundava. Por exemplo, ele fala de

...quantidade [e] variedade ... de inumeráveis espécies de peixes que o Orenoco produz e mantém... [E novamente] Não é concebível, nem é a caneta capaz de expressar a quantidade de grandes peixes seguramente à disposição dos índios... (Gumilla, 1963:223).

E ainda mais:

... a abundância de peixes e tartarugas no Orenoco é dificilmente crível àqueles que os vêem e tocam com suas próprias mãos. O que eu posso dizer, então, àqueles que somente lêem essas linhas? (Gumilla, 1963:223; ver também pp. 220, 221).

Pescaria, além disso, era enormemente recompensadora independente da

estação do ano. Sobre a estação das chuvas, Gumilla (1963:222) escreve:

Durante os meses em que o Orenoco está alto, os índios fazem uso [para pescar] somente de paus ou, os que preferem, lanças. Eles vão para os llanos baixos onde a enchente proporciona cerca de três pés de água, e lá várias espécies de peixe aparecem para brincar e alimentar-se ... Então, pode-se vê-los nadando entre os juncos, e, como cada um preferir, os índios vão em torno abatendo-os, não ao acaso, mas seletivamente: uma pessoa gosta de 'catfish', outra 'cachama', outra 'morcoto', ou 'payarra'. Há todos os tipos de peixe para cada um, e em uma incrível abundância.

Durante a estação seca, a pesca era ainda maior:

Os índios experimentam pesca ainda maior e mais abundante com o rio Orenoco está baixo e começa a receber suas águas de volta, que estavam previamente espalhadas por uma grande área, porque eles então bloqueiam com barreiras os canais que levam para as lagoas, deixando uma inumerável incrível quantidade de peixes à sua disposição em águas muito baixas. Mas a captura verdadeiramente incalculável de peixe ocorre nas grandes lagoas, que são invadidas por inumeráveis tartarugas e 'catfish' de 50 a 75 libras de peso, 'laulaos' de 250 a 300 libras, e especialmente um sem número de peixes-boi, cada um pesando de 500 a 750 libras (Gumilla, 1963:222).

Uma vez, os índios esqueceram-se de remover uma barragem de feixes de um canal conectando uma certa lagoa com o rio principal, de maneira que os peixes e peixes-bois que entraram a lagoa durante a época da cheia não podiam voltar ao Orenoco quando as águas baixaram. Então, lembrando-se de repente dessa lagoa, os índios foram inspecioná-la, e apenas um pé e meio de água restava, e eles encontraram mais de 3000 peixes-bois mortos e uma grande quantidade de peixe! (Gumilla, 1963:223)

Quando Gumilla fala de tartarugas, os números são ainda mais impressionantes:

A quantidade de tartarugas que abundam no Orenoco é tão grande que, não importa como eu tente expressá-la, tenho certeza de que vai parecer menos do que realmente é ... mas é certo que seria difícil contar

os grãos de areia nas vastas praias do rio assim como contar a imensa quantidade de tartarugas que se alimentam ao longo de suas margens e canais (Gumilla, 1963:229).

E, se isso não fosse suficiente, Gumilla (1963:232) diz, *mas muito maior ainda é a quantidade de ovos de tartaruga que eles consomem...* e continua a descrever sua abundância em vívidos detalhes.

Mais poderia ser dito, mas esse catálogo de riquezas aquáticas está já se gastando, e a questão justificada.

Em resumo, então, a evidência acumulada das antigas fontes, tanto para o Amazonas como para o Orenoco, parece esmagadora e incontroversa. Peixes, peixes-bois e tartarugas existiam nessa águas em quantidades prodigiosas. E eles proporcionaram aos índios vivendo ao longo desses rios um suprimento de proteína variado, de fácil obtenção, anual e inexaurível. Por comparação, a quantidade de proteína que o milho poderia contribuir à sua dieta perde em significância. Logo, qualquer teoria que sustente que o crescimento de grandes populações e a emergência de cacicados ao longo do Amazonas e Orenoco não poderia ter ocorrido na base de recursos aquáticos, mas teria que aguardar a chegada do milho, parece insustentável.

## Trabalho recente no Marajó

O que ocorreu com a interpretação dos cacicados amazônicos desde o aparecimento de *Parmana*? Para começar, nenhuma nova teoria foi exposta. Os elementos teóricos a partir dos quais irá emergir uma teoria final, bem-sucedida da origem dos cacicados amazônicos parecem já estar na mesa. O que resta a ser feito agora é cortar e apará-los um pouco, e colocá-los juntos em uma simples e coerente explicação.

O que a última década tem assistido, portanto, é uma acumulação de evidências em torno desse problema. Os anos 1980 foram uma década de pes-

quisa contínua na arqueologia, etnologia e etno-história amazônica. E os dados produzidos por essas pesquisas têm proporcionado um aprofundamento de nosso conhecimento sobre a antigüidade, distribuição e dimensão dos cacicados amazônicos. Eu gostaria nesse ponto de tentar uma breve recapitulação dos pontos altos dessas investigações.

Sob qualquer perspectiva, o trabalho arqueológico de maior fôlego realizado na Amazônia nos anos 1980 foi a escavação de Anna Roosevelt na ilha de Marajó. Esse trabalho, conduzido no coração de onde Meggers e Evans inauguraram a arqueologia Amazônica, colocou em evidência as muitas questões que continuam a intrigar – e dividir – os estudiosos da pré-história amazônica.

Roosevelt não faz muitos rodeios para dizer exatamente o que Meggers e Evans fizeram para elucidar a arqueologia de Marajó, que serviu como uma linha base para sua própria pesquisa. Quando ela fala sobre Meggers e Evans é principalmente para concordar com sua interpretação de Marajoara, a cultura de nível cacicado da ilha. Meggers e Evans, em seu trabalho, prospeccionaram grandes porções de Marajó e fizeram escavações-teste em vários locais de maneira a estabelecer uma cronologia de tipos cerâmicos. Roosevelt, por outro lado, concentrou seus esforços em escavar somente um teso, algo que ela afirmou nunca tinha sido feito antes. Os resultados de seu trabalho foram publicados em *Moundbuilders of the Amazon* (Roosevelt, 1991).

Teso dos Bichos, o teso que ela escolheu para escavar, está localizado perto do lago Arari, na porção central-leste da ilha. É um monte artificial elevando-se a 7m de altura sobre a planície circundante e ocupando um total de cerca de três hectares. De acordo com Roosevelt (1991:404), anteriormente se pensava que grandes tesos eram apenas estruturas cerimoniais, mas foi possível a ela determinar que Teso dos Bichos era um

sítio-habitação permanente ocupado, construído ao longo de séculos, parcialmente por acréscimo artificial e parcialmente por acumulação de camadas de restos de assentamento (Roosevelt, 1991:400-401). Fazendo uso de técnicas de sensoriamento remoto, Roosevelt (Roosevelt, 1991:160-186) inicialmente identificou feições arqueológicas sob o solo antes de começar com escavações sistemáticas.

A altura a que Teso dos Bichos foi construído trouxe sua superfície de habitação bem acima do nível das cheias, e isso, mais o fato de que uma estrutura de terra circundava o teso, sugere a Roosevelt (1991: 333-334) que os habitantes tinham procurado se defender de seus inimigos. Vou comentar sobre o significado dessas estruturas daqui a pouco.

Diversas grandes casas foram escavadas no teso, e em seus interiores Roosevelt (1991:405) encontrou grandes fogões de cerâmica que evidenciaram terem sido mantidos por um longo tempo. Entre os muitos cacos escavados estavam espécimes da ornamentada tradição policrômica, bem conhecida da cultura Marajoara. A riqueza dessa cerâmica, que é geralmente tomada para indicar que era feita por especialistas, é uma das maiores razões porque se pensa que Marajoara era um cacicado.

Todas juntas, cerca de 25 casas comunais foram localizadas em Teso dos Bichos, com uma média, Roosevelt (1991:342) estima, de 40 pessoas por casa, dando uma população total de cerca de mil pessoas para o assentamento. Tudo o que Roosevelt recolheu do teso a levou a aceitar a visão de que Marajoara tinha se constituído como um cacicado. De fato, como veremos, ela é generosa sobre o que diz sobre o alto nível dessa cultura.

Ao examinar as conclusões de Roosevelt sobre Marajoara, será especialmente elucidativo apresentar o que ela diz em conjunto com as visões de Betty

Meggers sobre essa cultura. Meggers tem, de fato, questionado a descrição de Roosevelt de Marajoara em diversos pontos. Ela fez isso em duas resenhas de *Moundbuilders of the Amazon*. Além disso, em diversos artigos recentes, Meggers tem defendido suas últimas opiniões sobre a pré-história amazônica em geral, e essas dizem respeito também às suas interpretações da cultura Marajoara. Como veremos, suas percepções atuais representam uma significativa divergência daquelas expressadas em *Amazônia, a ilusão de um paraíso*.

Em sua resenha crítica de *Moundbuilders*, Meggers (1992b) aponta diversos problemas técnicos no livro, mas aqui, podemos deixar de lado certos detalhes e focalizar nas questões mais gerais envolvidas. E são muitas.

A característica saliente da cultura Marajoara era que, em seu ápice, representava um nível superior de cultura do que aquele atingido pelas aldeias autônomas da cultura de floresta tropical nos interiores da Amazônia. Era, de fato, um cacicado. Meggers e Roosevelt concordam nesse ponto, mas aqui a concordância acaba. Ainda controversas entre elas estão coisas como a data do início de Marajoara, sua derivação, sua duração, o nível de complexidade a que chegou, a capacidade de carga de seu habitat, a população total que suportou e as razões para seu desaparecimento. E essas questões, surgindo dos dados de Marajó, projetam-se sobre a grande tela da pré-história amazônica.

O mais importante degrau galgado na pré-história amazônica, uma vez que a agricultura se estabeleceu, foi a emergência de cacicados. Nesses poucos lugares onde eles emergiram, representaram um salto quântico. Não somente as antigas aldeias que os constituíram perderam sua independência e tornaram-se subordinadas aos chefes poderosos e supremos, mas também sofreram muitas outras mudanças em sua vida social, econômica, religiosa e ma-

terial. Portanto, quando, onde e como cacicados emergiram continua a ser uma questão central para a arqueologia amazônica. E onde quer que cacicados sejam discutidos, o foco tende a cair sobre Marajó, que se destaca como a mais antiga cultura de tipo cacicado até agora descoberta na Amazônia.

Se é, de fato, a mais antiga, depende, é claro, de sua datação. Meggers e Evans, em seus primeiros trabalhos, foram cautelosos nesse ponto: *A duração da fase Marajoara não pode ser estimada acuradamente nesse momento* (Meggers & Evans, 1957: 404). Na ausência de datação radiocarbônica, eles conferiram datas provisórias a essa fase, de 1200 a 1450 AD (1957:422).

A estimativa se manteve até 1967, quando datas radiocarbônicas obtidas por Mário Simões empurram o começo da fase Marajoara para cerca de 500 AD. E essa data antiga foi depois confirmada por outras datas radiocarbônicas (Meggers, 1988b:247). Baseado na datação de materiais que ela mesma escavou, Roosevelt (1991:214, 242) afirma que *as datas radiocarbônicas dos sítios de Marajó indicam uma variação temporal provável para a fase Marajoara de cerca de 400 a 1300 AD*.

Que Marajoara emergiu muito antes do que originalmente pensado, parece colocar nenhum sério problema teórico. No entanto, a nova estimativa para sua duração – 900 anos – certamente coloca. Enquanto que a datação original de Meggers e Evans dava a Marajoara uma duração de 200 anos, as novas datas a estendem por quase mil anos. E o problema que essas novas datas colocam para Meggers é esse: se o ambiente de floresta tropical não poderia suportar uma cultura do nível cacicado por muito tempo, como ela tinha argumentado desde o começo, como poderia Marajoara ter durado tanto? Por que teria levado todos esses 900 anos para declinar de cacicado ao nível de floresta tropical?

Igualmente importante era a questão de como a cultura Marajoara poderia ser explicada em primeiro lugar. Meggers tinha argumentado desde o começo que condições ecológicas não poderiam ter permitido que se originasse em Marajó. Então, deve ter sido intrusiva na ilha, vinda de algum outro lugar, talvez de perto do sopé dos Andes (Meggers e Evans, 1957:589).

Entretanto, à noção de que Marajoara teria que se derivar de uma grande distância, mesmo fora da Amazônia, Roosevelt levanta sérias objeções. Falando em geral, ela afirma que *as características de [cacicados amazônicos]... mostram ser de origem indígena, nascidos de culturas locais das terras baixas tropicais, ao invés de serem intrusivos de outros lugares* (Roosevelt, 1991:436). Mais especificamente, ela afirma que *o estilo Marajoara emergiu no baixo Amazonas a partir de precursores das terras baixas* (1991:3). E à sugestão de Meggers e Evans de que o estilo de cerâmica Marajoara deve ter derivado da cerâmica Napo que eles escavaram mais tarde, Roosevelt (1991:314) retrucou que

a fase Marajoara começou mais de mil anos antes do que Meggers e Evans tinham estimado e, portanto, não poderia ter derivado do horizonte policrômico da fase Napo, dos séculos XII a XV, no sopé dos Andes ...

Ainda, Roosevelt não está pronta para afirmar que em verdade começou em Marajó. Uma vez que ela não escavou até os níveis mais inferiores de Teso dos Bichos, ela não poderia afirmar com alguma segurança se marajorara emergiu *in situ* a partir de um começo simples, ou apareceu como nova, totalmente pronta, no sítio (Roosevelt, 1991:114).

Como sabemos, Meggers tinha bases teóricas para acreditar que Marajoara não poderia ter surgido em Marajó. A isso ela adicionou o argumento empírico de que nenhuma cultura claramente antecessora da Marajoara tinha sido encontrada lá. Logo, para a acusação de Roosevelt de que o preconceito teórico

relacionado à capacidade de carga da ilha a tinha impedido de ver uma origem local para Marajoara, Meggers retrucou:

nossa interpretação da fase Marajoara como intrusiva não foi baseada em um conceito teórico incorreto, mas na seqüência seriada mostrando que os sítios mais antigos [em Marajó] tinham os remanescentes mais elaborados (Meggers, 1992c:33).

E de fato, no relatório final de suas escavações em Marajó, Meggers e Evans (1957:395) disseram:

As maiores mudanças temporais na decoração cerâmica da fase Marajoara pode ser resumidas no seguinte:

1. Vasilhas complexas utilizando dois ou mais tipos de tratamento de superfície...são mais abundantes nos sítios mais antigos e declinam marcadamente com a passagem do tempo.
  2. Concorrentemente, a qualidade técnica dos motivos excisos e a quantidade de superfície da vasilha que eles cobrem é notavelmente reduzida.
  3. As vasilhas mostrando aumento em popularidade...são aquelas que requerem menos tempo para sua execução.
  4. ... existe alguma indicação de motivos complexos e delicados são mais freqüentes nos sítios mais antigos.
- Pode-se discernir a mesma tendência em direção à simplificação quando outras características da cerâmica além do tratamento de superfície são examinados.

Agora, duas das principais sub-fases de Marajoara que Meggers e Evans identificaram foram Pacoval e Camutins. Apesar de não estar dito claramente em seu relatório, Meggers e Evans parecem ter considerado Pacoval a subfase mais antiga e Camutins a mais recente. Quanto a isso, eles escreveram:

a ... seriação dos fragmentos decorados desses sítios [os cemitérios do Pacoval, Fortaleza, Camutins, e Guajará] mostra que Pacoval e Fortaleza são de algum modo anteriores que os tesos no oeste [que incluem o Camutins] e exibem um número de refinamentos cerâmicos que foram posteriormente perdidos ... (Meggers & Evans, 1957:410).

Baseado nos achados anteriores, Meggers (1992c:34) desafia Roosevelt que

*estabelecer um desenvolvimento in situ para Marajoara requer que ela invalide nossa evidência para as fases anteriores não relacionadas e para o declínio em complexidade durante a fase Marajoara.*

De fato isso é precisamente o que Roosevelt tenta fazer em *Moundbuilders of the Amazon*. Ela se refere aqui a uma tese de doutorado defendida por Joanne Magalis (1975), escrita quando ela era estudante de Donald Lathrap, em que ela reexamina a datação relativa de Pacoval e Camutins:

Baseado em seu estudo de coleções e resultados de escavações de outros, Roosevelt (1991:111) escreve, Magalis concluiu que Meggers e Evans tinham na verdade invertido a seqüência cronológica para Marajó e determinado que o que é agora chamado de subfase Camutins era anterior à subfase Pacoval. A conclusão de Magalis coloca a subfase mais complexa no final da seqüência, não no começo, documentando um florescimento local do estilo, antes do que uma deterioração. As implicações dessa conclusão ... eram de que a cultura Marajoara poderia ser indígena da Amazônia antes do que simplesmente uma difusão das civilizações andinas.

Saber onde fica a verdade é, claramente, uma questão de importância considerável para a pré-história amazônica. De acordo com Roosevelt, Magalis era incapaz de continuar sua pesquisa baseada em coleções com escavações no Marajó e então, até onde sei, a questão da datação relativa de Pacoval e Camutins continua sem solução.

Não somente Roosevelt rejeita a afirmação de que Marajoara é intrusiva, ela parece considerá-la como uma doadora, a primeira e a fonte de outros cacicados amazônicos:

... parece que a cultura Marajoara foi uma cultura ancestral importante, até agora a mais antiga conhecida de uma série de culturas relacionadas que emergiram todas ao longo do Amazonas de sua boca até o sopé dos Andes (Roosevelt, 1991:1).

Além disso, a questão de uma cultura doadora levanta um assunto impor-

tante. Precisa-se ter cuidados para não difundir cacicados daqui de outros lugares, antes de os tê-lo desenvolvido *in situ* – mesmo se outros lugares acontecem de serem perto como outra parte do baixo Amazonas. Uma distinção clara precisa ser feita aqui. Estilos cerâmicos podem prontamente difundir-se e serem facilmente emprestados, mas o estabelecimento de um cacicado – uma estrutura sociopolítica complexa – é uma proposição bem diferente. Um cacicado não pode difundir-se rapidamente, deve crescer no local, organizadamente, a partir de básicas condições ecológicas e sóciopolíticas. Portanto, se Marajoara deve ser chamada doadora, deve-se especificar o que realmente estaria doando.

## A emergência da cultura Marajoara

Meggers enfatiza o fato de que um hiato de diversos séculos separou as antigas culturas cerâmicas de Marajó – Ananatuba e Mangueiras – da Marajoara. Então, seguindo-se um longo período sem evidência de ocupação humana, um novo povo chegou na ilha, trazendo com eles um estilo cerâmico que Meggers e Evans chamaram Formiga. E entre essa cultura e a Marajoara não houve uma folga cronológica. De fato, as duas se sobrepõem (Meggers, 1988b:248).

A questão pode ser colocada: poderia Marajoara ter-se desenvolvido a partir de Formiga? Meggers (1992c:34) nega essa possibilidade com veemência, observando que

nenhuma das técnicas decorativas diagnósticas da Marajoara (engobo branco, excisão, pintura) motivos, formas de vasilhas, e artefatos cerâmicos estão representados entre a antiga [Formiga] fase, nenhum sepultamento em urnas foi encontrado, e as vasilhas definindo cada fase são distintas em aparência e textura.

Ela e Evans tinham observado em 1957 que enquanto o *início da fase Formiga é incerto... seu final é aparente-*

mente o resultado da chegada da fase Marajoara... (Meggers & Evans, 1957: 242). Logo, antes do que surgir a partir de Formiga, Marajoara parece tê-la obliterado.

Antes vimos que, em seu relatório de 1957, Meggers e Evans estavam inclinados a derivar Marajoara de algum lugar na área andina. Em um artigo recente, Meggers foi um pouco mais específica. A tradição de cerâmica policrômica, ela escreve,

não foi encontrada no leste da Venezuela, nas Guianas, ou no alto curso dos tributários sul do baixo Amazonas. O padrão existente, então, sugere uma intrusão do noroeste da Venezuela ou da adjacente Colômbia... (Meggers, 1987:158).

Uma origem fora da Amazônia no noroeste da América do Sul, [ela continua] ...está de acordo com evidência para a ocorrência generalizada de um nível similar de desenvolvimento sóciopolítico [quer dizer, cacicados] nas áreas dos Andes e Caribe (Meggers, 1987:158).

Meggers admite, no entanto, que a diversidade de suas técnicas decorativas

sugere que a Tradição Policrômica é uma amalgamação de traços introduzidos de diferentes direções e combinados de diferentes maneiras. Tal origem poderia explicar a falha em identificar seja um núcleo local de desenvolvimento ou um complexo ancestral fora da Amazônia (Meggers, 1988a:290).

Sejam quais forem as origens dessa Tradição Policrômica, entretanto, Meggers (1987:158) vê seus ingredientes básicos chegando *na Amazônia Central por volta do começo da era Cristã*. Sua dispersão subsequente, ela diz,

parece ter sido rápida ao longo do baixo Amazonas e em direção ao alto rio Madeira, onde solos férteis da várzea e a rica fauna aquática proporcionaram um suprimento confiável de alimentos.

Entretanto, em vista da falta de uma cultura ancestral identificável e específica para a cultura Marajoara, estamos

realmente obrigados a aceitar uma origem intrusiva para ela? De fato, devemos excluir a possibilidade de que tenha surgido na ilha de Marajó, algo em que mesmo Anna Roosevelt não insiste? Deixe-me sugerir um argumento teórico de por que uma origem local da cultura Marajoara pode não estar totalmente fora de questão.

Equacionar a possessão de uma cerâmica ornamentada como a da tradição policroma da Amazônia com um nível de cultura do tipo cacicado deriva da seguinte suposição: que a excelência técnica que ela representa parece requerer as mãos hábeis de um ceramista especializado – como Meggers e Evans (1957:403) argumentaram de maneira convincente anos atrás. E somente em cacicados – não em aldeias autônomas – nós encontramos a profissionalização do ofício de ceramista necessário para produzir tais vasilhas. Como membros de um cacicado, ceramistas podem esbanjar suas habilidades no artesanato porque são sustentados, direta ou indiretamente, pelo chefe supremo e a nobreza rica associada com ele, que procuram refletir nos meios materiais seu alto status social. Além disso, a elaboração de rituais religiosos e cerimônias, que é característico de cacicados, proporciona um ímpeto adicional para a manufatura de vasilhas de formatos elaborados e decoração exuberante. Um cacicado, então, proporciona as condições para o surgimento do virtuosismo cerâmico.

Como eu tinha observado anteriormente, em termos de organização sociopolítica um cacicado representa um avanço de categoria. Ele marca um afastamento radical das comunidades autônomas e díspares que o precederam, e a emergência de um agregado de aldeias controladas por um chefe poderoso. Tal mudança, me parece, pode ocorrer muito rapidamente. Após certos movimentos antecipatórios nessa direção, um ponto crítico é alcançado e a transição tem lu-

gar. E com o cruzamento desse limiar muitas possibilidades rapidamente se abrem. Inovações nas artes e no artesanato, que o sustento da chefatura faz possível, agora começam a tomar lugar. Um ceramista hábil que previamente produzia somente vasilhas utilitárias para si mesmo ou sua própria família, se repentinamente tem tempo para experimentar com novos modos de decoração, formas de vasilhas, métodos de tempero, técnicas de queima, etc, pode, em curto tempo, trazer à tona surpreendentes vasilhas novas que mostram pouca continuidade com as anteriormente existentes. Com o estabelecimento de um novo cacicado, então, uma florescência eruptiva da feitura de cerâmica pode ocorrer, para a qual a tradição cerâmica antecedente deu muito pouco impulso.

Logo, enquanto não estou pronto para afirmar que Meggers está equivocada com relação à tradição ceramista Marajoara como intrusiva na ilha de Marajó, penso que devemos estar prontos para antever a possibilidade de sua origem autônoma lá. Evidência para tal origem relativamente abrupta pode ainda ser encontrada em algum lugar na ilha, em sítios ainda não escavados. Logo, dificilmente existe uma necessidade forçosa de derivar Marajoara do sopé dos Andes ou mesmo do Amazonas Central.

## A escala de Marajoara

Vamos agora às diferentes visões de Meggers e Roosevelt com relação ao tamanho e complexidade das unidades políticas do Marajó. Mesmo em seus primeiros relatos, Meggers e Evans pintaram-nas como "circum-caribenhas", ou seja, cacicados. Mas Roosevelt não estava satisfeita com isso. Ela iria pintar Marajoara em tons mais fortes e brilhantes que seus predecessores. De fato, algumas vezes ela derrama louvores sobre a cultura, descrevendo-a como *um dos grandes cacicados tropicais do mun-*

*do ...* (Roosevelt, 1991:136), *uma das mais excepcionais conquistas culturais indígenas no Novo Mundo ...* (Roosevelt, 1991:29); *um extenso domínio igual ou maior do que aqueles de sociedades complexas já conhecidas* (Roosevelt, 1991:96), que, em sua extensão geográfica *obscurece algumas das famosas civilizações do velho mundo* (Roosevelt, 1991:1, 436).

Com relação ao tamanho, Roosevelt coloca a população total Marajoara em 100.000 a 200.000 pessoas, e em seu entusiasmo sem limites, está pronta para dizer que *poderia ser até um milhão...* (Roosevelt, 1991:38). *A conclusão a que não se pode fugir, ela completa, é que o padrão de assentamento Marajoara é urbano em escala* (Roosevelt, 1991:39).

A matéria requer um pouco mais de discussão, entretanto. Nós vimos que Roosevelt indicou uma população de mil pessoas para Teso dos Bichos, o que parece uma típica comunidade de um teso. Esse é um bom tamanho de aldeia pelos padrões atuais da Amazônia, mas dificilmente urbano. Com relação ao total da população da ilha, Roosevelt diz que

uma vez que as centenas de tesos conhecidos devem... ser pensados... como centros permanentemente habitados, antes do que sítios cerimoniais vazios ou habitações temporárias, a população da cultura como um todo parece ter sido de bom tamanho, possivelmente maior do que 100.000 pessoas... (Roosevelt, 1991:404).

Mas mesmo se isso é correto, ainda fica em aberto a questão de se qualquer assentamento individual pode ser caracterizado como urbano. O mais perto que Roosevelt chega de defender essa caracterização é quando ela fala de *sítios com 20 a 40 tesos, que podem ter tido populações acima de 10.000 pessoas* (Roosevelt, 1991:404).

Existe uma questão não respondida aqui, no entanto: quantos desses tesos são contemporâneos? Depois de tudo, se a cultura Marajoara durou por 900

anos, não é provável que muitos desses tesos contíguos não duraram todo o período, mas foram abandonados algum tempo ao longo do período de séculos e novos tesos adjacentes construídos e ocupados? Logo, até que a datação desse grupo de tesos tenha sido seguramente estabelecida, nada pode ser dito com segurança sobre Marajoara ser urbano.

Meggers (1992b:403) corretamente faz objeções às *assertivas extravagantes* de Roosevelt sobre a escala e magnificência da cultura Marajoara. Observada a conclusão de Roosevelt de que os povos Marajoaras dependiam de pequenos peixes e sementes silvestres para sua subsistência, Meggers (1992b:402) observa, jocosa: *sustentar uma população de 100.000 ou mais por quase um milênio nessa dieta parece requerer indefinidamente a repetição do milagre dos pães e dos peixes.*

## A natureza das unidades políticas Marajoaras

Chegamos agora à questão central da natureza dos cacicados Marajoaras. Como Roosevelt os caracteriza? Aqui a encontramos extremamente equivocada. Como Meggers (1992c:26) observa, Roosevelt falha em oferecer uma definição clara de um cacicado e de fato ela oscila entre a questão de se Marajoara era realmente um cacicado ou não. Eu citei os termos luminosos com que Roosevelt algumas vezes caracteriza a sociedade Marajoara. Mas quando ela aperta o cinto para discutir a evidência para sua estrutura sóciopolítica, nós a encontramos tentativa e incerta. Ela reconhece a *importância geral da questão da natureza das sociedades cacicados...* (Roosevelt, 1991:397), mas deixa-nos tentando adivinhar qual seu entendimento sobre a natureza precisa dessas sociedades.

Em certo ponto, Roosevelt (1991) nos fala que

a interpretação da organização social, política e econômica [é ainda um dos grandes] problemas prementes (p.422). [Novamente ela diz] ... a história da ... sociedade [Marajoara] e a natureza de sua organização não são ainda bem compreendidas (p.404). [E novamente] ...a iconografia Marajoara não dá evidência de uma administração politicamente centralizada focalizada em um chefe... (p.398; ver também p.420). [E falando de Marajoara, entre outros cacicados, ela diz] o nível de hierarquia política e centralização na sociedade é ainda uma questão em aberto... (p.2). [E ela vai mais longe ao dizer que] ... não é possível avaliar hipóteses para um governo centralizado (p.417).

Enquanto ela está pronta para aceitar o fato de que os Tapajós, mais acima no Amazonas, possuíam todos os atributos que os marcavam como um cacicado, se Marajoara era, ou não, é incerto (Roosevelt, 1991:428). De fato, às vezes (por exemplo, Roosevelt, 1991:420) parece como se Roosevelt não quisesse que Marajoara fosse um cacicado!

O que essas idas e vindas nos mostram é, de fato, quão difícil é para a arqueologia inferir muito sobre estrutura política a partir daquilo que se retira do solo. E Roosevelt (1991:421) reconhece isso:

...é difícil pensar em um teste conclusivo, ela admite, para a evidência de diferentes tipos de organização social e política por causa da falta de evidência sistemática para as características materiais...

que normalmente acompanham um cacicado. Logo, me parece uma esperança vã de sua parte que a *evidência de Marajó poderá ser importante para informar teorias gerais com relação a cacicados...* (Roosevelt, 1991:420). Parece-me muito mais provável que fosse o contrário. Teorias robustas sobre a origem de cacicados poderão vir de relatos etnográficos e etno-históricos de cacicados observáveis, que irão então ser aplicadas à interpretação das manifestações arqueológicas dessas polis. Parece-me inevitável que a arqueologia está con-

denada a ser uma importadora de teoria, não uma geradora.

Roosevelt está no caminho certo, entretanto, quando escreve:

Para realmente demonstrar uma organização centralizada, deve-se encontrar evidência objetiva de que os centros era funcionalmente distintos, de maneira que centros politicamente conhecidos estão controlando certos recursos e dirigindo certas atividades importantes... Logo, se existia um governo central ou não será difícil responder até que uma prospecção compreensiva de assentamentos possa ser conduzida para testar a centralização ao investigar a distribuição de estruturas, feições, artefatos, e grupos ocupacionais e de status dentro de diferentes tipos de sítios no sistema de assentamentos (Roosevelt, 1991:420).

Entretanto, na discussão de Roosevelt sobre os cacicados Marajoaras existe um importante ponto cego. Com a diminuta exceção acima citada, ela nunca se pergunta se, durante seus dias, Marajoara consistia de um cacicado ou vários. E de fato isso é uma questão absolutamente crítica. Marajoara dificilmente poderia atingir a grandeza que Roosevelt vez ou outra lhe imputa se consistisse de uma dúzia ou dois pequenos cacicados. Somente se comportasse um grande cacicado, cobrindo boa parte da ilha, e abarcando dezenas de milhares de pessoas, poderia ser considerado como uma unidade política realmente imponente. Mas Roosevelt parece quase esquecida da importância dessa questão.

## Marajoara extrapolada

As diferentes interpretações de Roosevelt e Meggers se estendem para toda a Amazônia. Pensando principalmente no sítio de Santarém, Roosevelt (1991:98) audaciosamente afirma que

existe agora incontestável evidência arqueológica e etnohistórica para a existência de sociedades complexas indígenas nos tempos pré-históricos tardios, com padrões de assentamento de caráter urbano e extensos domínios culturais de milhares de quilômetros quadrados.

E algumas páginas depois em seu livro ela observa que durante os tempos pré-históricos tardios, a várzea amazônica estava *literalmente coberta por assentamentos, alguns dos quais parecem ter sido de complexidade e escala urbana* (Roosevelt, 1991:113).

Não somente Meggers e Roosevelt discordam sobre o tamanho de sítios arqueológicos individuais, elas também diferem sobre o total da população aborígene da Amazônia na época do contato. Meggers (1992a:203) iria reduzir drasticamente o quadro atualmente aceito de 5 a 6 milhões para 1.500.000 e 2.000.000. Se a população total da Amazônia era substancialmente menor do que geralmente pensado, então o tamanho de sítios individuais deveria provavelmente diminuir de acordo. E isso Meggers resolve fazer, astutamente desinflando o tamanho que Roosevelt atribuiu a muitos sítios arqueológicos.

Essa redução no tamanho dos assentamentos amazônicos está enraizada na premissa de Meggers sobre a baixa capacidade de carga da floresta tropical chuvosa. Mas não se limita a isso; ela também oferece um argumento empírico. Seu ceticismo sobre a existência de grandes assentamentos provém dos resultados de um extensivo programa de prospecção arqueológica conduzido desde os anos de 1970 pelo PRONAPABA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica), que Meggers ajudou a organizar. Durante o curso daquelas prospecções, ela diz

nenhuma ocupação grande ou permanente foi identificada entre as centenas de sítios investigados. Ao contrário, excetuando os pequenos sítios, todos eram resultado de múltiplas reocupações pelas mesmas fases ou fases sucessivas durante centenas de anos (Meggers, 1990:202).

Em diversos de seus artigos recentes, Meggers reitera que as múltiplas reocupações de um mesmo sítio tinham criado a ilusão de que se tratava de um só grande assentamento. Logo, a *incon-*

*troversa evidência* de Roosevelt para a existência de culturas grandiosas na Amazônia *se apóia sobre a suposição incorreta de que a extensão da superfície é sinônimo de área habitada...* (Meggers, 1992c:35; ver também 1988:291, 1991:200).

Mas pode esse argumento realmente ser aplicado a um sítio como Santarém, que Roosevelt (1991:113-114) chama de *capital do cacicado pré-histórico tardio*, e descreve como *um sítio arqueológico cujos resíduos domésticos e montículos se espalham sobre mais de 5km<sup>2</sup>...*? Eu acho difícil acreditar que Meggers poderia convincentemente diminuir Santarém ao tamanho de uma aldeia autônoma ou mesmo a um pequeno cacicado. É simplesmente muito grande. Somente por que Roosevelt tem uma tendência de exagerar sua causa, isso não significa que a mesma não seja válida.

## Pressão populacional e migrações

Considerando os assentamentos amazônicos pequenos em tamanho, e a população total da bacia relativamente modesta, Meggers não vê razão para acreditar que os movimentos de povos na Amazônia foram impulsionados por pressão populacional. Com Donald Lathrap em mente, Meggers (1991:199) coloca:

a Amazônia Central tem sido descrita como o lócus de contínua explosão populacional, e a 'luta por uma oferta limitada de terra cultivável produtiva' tem sido citada como a 'mais importante força única na história cultural dessa região

Meggers considera que essa interpretação *não é sustentada pela evidência arqueológica coletada pelos participantes do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônia*.

Meggers admite, no entanto, que *assentamentos podem ter sido um pouco maiores, mais permanentes, e mais*

*numerosos ao longo do Amazonas e Solimões* no período pré-histórico do que durante o período do contato, mas argumenta que *se a expansão populacional ocorreu, foi confinada dentro da região dominada pelos rios de água branca, ricos em sedimentos* (Meggers, 1992a:201). Em outras palavras, com relação a Meggers, a pressão populacional não cumpriu nenhum papel nos grandes movimentos de povos que ocorreram em tempos pré-históricos subindo os muitos tributários do Amazonas. Pode, no entanto, haver uma falha em seu raciocínio.

Meggers supõe que qualquer ex-habitante da várzea, que pode ter deixado as margens do Amazonas, subiu seus tributários e se estabeleceu ao longo de suas margens, poderia ser prontamente identificado por sua cerâmica elaborada. Mas isso parece inconsistente com sua visão fortemente sustentada que culturas elevadas deixaram as férteis várzeas e moveram-se rio acima para a terra firme, onde eles iriam inevitavelmente decair para o nível de floresta tropical. De acordo com essa premissa, quaisquer migrantes, após deixarem a várzea, viajando rio acima, cessariam de ser cacicados e teriam que ter desistido de sua cerâmica ornamentada. Logo, qualquer resíduo cerâmico que eles depositaram ao longo do médio e altos cursos dos tributários do Amazonas seriam indistinguíveis em qualidade daqueles dos grupos típicos de floresta tropical ainda vivendo lá. Em suma, nós podemos dizer que o argumento de Meggers contra o fato de que pressão populacional cumpriu um papel nas dispersões e migrações amazônicas não é totalmente convincente.

## Várzea e terra firme

Nessa conexão, precisamos retornar às distinções entre várzea e terra firme e olhar mais de perto para o papel que jogam nas interpretações de Meggers e

Roosevelt. E vamos encontrar mais algumas surpresas. Primeiro, então, uma necessária revisão.

O que eu disse anteriormente em relação à várzea e terra firme precisa ser amplificado. Como os brasileiros usam o termo, terra firme é terra alta o suficiente em relação aos rios adjacentes de forma que nunca é inundada. A maior parte da bacia Amazônica, incluindo a terra entre os grandes rios – os chamados interflúvios – consiste de terra firme.

Várzea se refere às terras baixas ao longo do Amazonas e outros rios maiores que sazonalmente transbordam suas margens e inundam ao redor. Uma vez que os sedimentos depositados pelas cheias anuais de tais rios são ricos em nutrientes minerais, trazidos do sopé dos Andes, a várzea possui alto valor agrícola. E uma vez que sua fertilidade é renovada a cada ano, não precisa ser abandonada após somente dois ou três anos de plantio, como é a regra para a terra firme. Em vez disso, pode ser plantada ano após ano. Como terra agrícola de primeira qualidade, a várzea era muito procurada – e disputada – pelos índios que viviam em sua vizinhança (Medina, 1934:190).

Apesar de sua alta fertilidade, no entanto, a várzea tem algumas desvantagens. Estando sob a água metade do ano, não pode ser cultivada durante todo o ano. Logo, qualquer planta a ser cultivada deve ser colhida em cerca de seis meses. Isso apresenta um problema para a mandioca, cujos tubérculos levam de 16 a 18 meses para alcançar o tamanho ideal. Por causa disso, os cultivadores indígenas que uma vez viviam ao longo do Amazonas encontraram uma solução parcial para esse problema. Eles desenvolveram uma variedade de mandioca – chamada mandioca purê no Brasil – que fornece tubérculos de tamanho comestível, senão ideal, em apenas seis meses (Loureiro, 1986:27).

Somando-se à sua curta estação de crescimento, a várzea tem outra des-

vantagem, uma que teria tornado uma estupidez, senão tornado impossível para os agricultores confiarem nela exclusivamente. Não se pode contar com a várzea para cultivo todos os anos. Eu estava em Manaus no início de agosto de 1975, quando as águas do Amazonas tinham recuado substancialmente. Mas a estação chuvosa daquele ano tinha visto o rio chegar a um nível bastante alto, e estava demorando mais do que o usual para descobrir a terra que tinha inundado. Uma grande parte da várzea que deveria estar seca e pronta para o cultivo estava ainda sob as águas.

As implicações dessa incerteza para os agricultores nativos devem ser claras: eles não podiam se dar ao luxo de colocar todos os seus ovos em um mesmo cesto. Várzea nunca poderia ser a única terra reservada para plantio. Alguma confiança deveria ser colocada na terra firme.

Ainda que os antigos cronistas pareçam silenciosos nesse ponto, a regra geral para os agricultores pré-colombianos era provavelmente essa: durante os anos normais, cultivar milho, e tanta mandioca quanto possível, na várzea, mas estar pronto para voltar-se para a terra firme para ambos os cultivos durante os anos em que as águas da inundação falhassem em retroceder rápido o suficiente.

Como vimos, tanto Meggers quanto Roosevelt cantam as maravilhas da planície inundável ou várzea. Roosevelt (1991:8) descreve os solos de Marajó como *sedimentos densos e ricos...*, e os relacionada com os solos férteis ao longo do Mississipi, o rio Amarelo, e o Nilo (Roosevelt, 1991:10).

Começando com *Amazônia, a Ilusão de um Paraíso*, Meggers, em diversas de suas publicações, tem distinguido claramente entre terra firme e várzea com base em sua capacidade de carga. Por exemplo, ela fala do

contraste marcante nas densidades [de assentamentos] para a várzea e terra fir-

me, que refletem importantes diferenças na capacidade desses dois tipos gerais de habitat de sustentar grandes concentrações de populações humanas sedentárias (Meggers, 1984:629).

Fora a grande variedade e abundância de fauna aquática encontrada nos grandes rios (especialmente o Amazonas), o que faz a várzea tão bem considerada é sua grande produtividade para agricultura. *O rejuvenescimento anual do solo tem duas importantes consequências*, Meggers observa,

(1) milho, que requer solos mais férteis do que a mandioca, pode ser cultivado com grande retorno, e (2) os mesmos terrenos podem ser usados indefinidamente, [continuando a produzir] com um nível continuamente elevado (Meggers, 1984:632, 641).

Essa diferença na capacidade de carga desses dois habitats Meggers encontra refletida na arqueologia da região. Uma distinção clara existia, ela disse, entre os altos cursos dos tributários do Amazonas onde a terra era a terra firme, e aqueles localizados na planície inundável, onde a várzea predominava.

Povos acima da linha limite faziam cerâmica simples e viviam em pequenas aldeias autônomas. Moradores da várzea, no entanto, produziam a mais elaborada e ornamentada louça policrômica, e experimentavam formas de organização sociopolítica mais avançadas. De fato, Meggers acha tão marcada a distinção entre os povos do alto curso e aqueles da planície que ela presume que eles teriam *diferentes origens e histórias* (Meggers, 1988a:288). Além disso, ela considerava o limite ambiental entre eles agudo e difícil de cruzar:

fragmentos ocasionais com decoração diagnóstica de uma região [ocorrendo] em outra podem refletir troca, mas não existem um exemplo de intrusão de sítio de nenhum lado dessa barreira ecológica (Meggers, 1992a:200).

Falando dos dois tipos de culturas descritas, Meggers (1991:200) acredita que *seus limites estáveis implicam adap-*

*tações a diferentes recursos*, e que isso explica a *incapacidade de ambas as tradições de expandir-se dentro do território da outra...* (Meggers, 1992a:200). Essa alegada barreira deixou de ser cruzada porque *estratégias de subsistência apropriadas para explorar a várzea foram inapropriadas para a terra firme e vice-versa* (Meggers, 1991:205). No entanto, o que estas diferenças em *estratégias de subsistência* podem ter sido, Meggers não nos conta.

## Os solos da Ilha de Marajó

Uma questão interessante surge quando a matéria da várzea versus terra firme é levada à ilha de Marajó especificamente. De tudo o que foi dito até agora sobre o alto nível da cultura Marajoara, poderia ter sido subentendido que os solos nos quais ela depende seriam várzea. E Roosevelt certamente pinta-os dessa maneira:

Os remanescentes da cultura construtora de tesos pré-histórica, Marajoara, são encontrados primariamente no interior da metade leste da ilha. Derivada principalmente de recentes depósitos aluviais, o leste-centro de marajó é uma das maiores extensões de planície (várzea) na Amazônia (Roosevelt, 1991:7-8). Boa parte da superfície de Marajó é composta de sedimentos profundos e ricos... (p.8). ... os solos [de Marajó] são bem supridos com elementos nutrientes para plantas... (p.10). O potencial agrícola dos solos das planícies inundáveis de Marajó é, portanto, significativo ... (p.10).

Meggers, entretanto, faz uma objeção. A terra que suportava os povos Marajoaras, ela diz, não era várzea, mas terra firme. *Marajoara é ... uma exceção entre as fases da Tradição Policrômica*, ela escreve (Meggers, 1992b:403), *ao ocupar um ambiente que não é de várzea*. E ela observa que a parte leste de Marajó, onde a maioria dos sítios Marajoara estão localizados *tem sido descrita [pelo ecólogo H.Sioli] como uma 'terra firme consolidada'...* (Meggers,

1992b:402). Em outra ocasião Meggers diz que

uma publicação oficial do Instituto Brasileiro de Geografia colocava, mais de 30 anos atrás que o leste de Marajó não era parte da várzea e caracterizava os solos como especialmente 'pobres e frágeis'... (Meggers, 1992b:29).

E novamente, referindo-se a Marajó, ela fala da *deficiência do solo em nutrientes essenciais* (Meggers, 1992b:402). E finalmente, após citar as opiniões de vários cientistas naturais que questionam a qualidade dos solos de Marajó, Meggers (1992c:36) afirma que *até que Roosevelt proporcione apoio similar para sua avaliação, eu prefiro confiar no julgamento desses especialistas*.

Eu certamente não tenho o conhecimento específico requerido para decidir entre essas posturas divergentes com relação à natureza dos solos de Marajó. No entanto, eu penso que posso resolver esse assunto – cortando o nó górdio!

O fato mais relevante envolvido aqui, no que diz respeito à pré-história Marajoara, não é a qualidade intrínseca dos solos de Marajó. É quão bem eles foram levados a produzir. Isso depende não somente das propriedades inerentes do solo, mas também das plantas cultivadas e do sistema de cultivo usado. E o fato permanece que, bom, ruim, ou indiferente, os solos de Marajó foram capazes de proporcionar uma subsistência adequada para milhares de pessoas ao longo de muitos séculos. A produtividade desses solos, além disso, era suficiente para suportar um cacicado (ou diversos) que, mesmo se não para a estupefação do mundo, como Roosevelt quer que acreditemos, eram ao menos unidades políticas substanciais.

Mas se Meggers e seus especialistas estão certos, e os solos de Marajó não são várzea, mas terra firme, como isso foi possível? Para responder a essa questão nós devemos examinar a agricultura da terra firme mais de perto e determinar que magnitude de cultivo eles são

capazes de produzir. Como arqueólogas, não como etnólogas, tanto Meggers quanto Roosevelt estão, quem sabe, um pouco distantes do tipo de dados concretos que se requer para responder a essa questão. Anos atrás, Meggers e Evans (1957:607) observaram que a floresta tropical amazônica

proporciona uma oportunidade ímpar para arqueólogos e etnólogos colaborarem na solução desses... problemas [a origem e declínio da cultura Marajoara] que não somente irão melhorar nosso entendimento do desenvolvimento cultural local, mas também terão ampla significância teórica.

Esse foi um convite simpático, e eu estou pronto a aceitá-lo.

Acontece que os dados de meu próprio trabalho de campo entre os Kuikuru da região do alto Xingu, no Brasil central, são extremamente pertinentes a esse assunto. De fato, eu acredito que esses dados podem nos levar a uma solução satisfatória para o que parece uma anomalia.

Não existe questionamento de que os solos que os Kuikuru cultivam são solos de terra firme. Seu conteúdo nutricional é baixo, e uma vez que eles nunca são cobertos pelas águas das cheias, sua fertilidade não é sazonalmente renovada. A única maneira de melhorar a qualidade desses solos é pela adição de cinzas de madeira quando a floresta que os cobre é pela primeira vez derrubada e queimada. Além de serem pobres em nutrientes, os solos cultivados pelos Kuikuru são altamente ácidos. De fato, um pedólogo da Universidade de Cornell que os analisou para mim disse que aqueles eram os solos mais ácidos que ele já havia testado (Carneiro, 1983:67).

Pobres como são, no entanto, e cultivados por nenhum método mais sofisticado que a coivara, esses solos ainda produzem grandes quantidades de mandioca, a base da alimentação Kuikuru. De fato, a produção de 5 ou 6 toneladas de tubérculos por acre é a regra

(Carneiro, 1983:95). E uma vez que um homem freqüentemente tem duas ou três roças cultivadas ao mesmo tempo, ele tem ainda mais mandioca para obter se necessário. Esse fato foi me mostrado de forma dramática quando uma família Kuikuru perdeu diversas centenas de libras de farinha de mandioca em uma casa em chamas. Eu pensei que por certo eles teriam que pedir mandioca de seus vizinhos ou parentes, mas não foi o caso. A família simplesmente foi às suas roças e colheu mais tubérculos. Durante a estação seca as famílias Kuikuru vão às suas roças diversas vezes e colhem mandioca, acumulando grandes quantidades excedentes de mandioca que processam na forma de farinha, que é estocada dentro da casa. Esse excedente estocado dispensa as mulheres de terem que ir freqüentemente às roças para pegar tubérculos durante a maior parte da estação chuvosa.

Em suma, então, apesar dos solos pobres e nenhuma técnica agrícola melhor do que a coivara, graças à capacidade da mandioca de produzir muito e de maneira confiável sob condições bem menos do que ideais, a agricultura Kuikuru é ampla e segura.

Agora, se os Kuikuru poderiam atingir produção adequada na terra firme, não poderia o povo Marajoara ter feito o mesmo? Contra essa idéia pode ser argumentado que os Kuikuru eram apenas uma única aldeia de 145 pessoas, enquanto Marajoara abarcava um ou mais cacicados, com uma população de diversos milhares. Não seria uma produtividade maior requerida para suportar tal nível cultural? É verdade que uma maior produtividade por agricultor poderia mesmo ser requerida para alimentar uma classe não-produtiva da elite Marajoara, supondo que tal existia. Mas os Kuikuru poderiam facilmente ter atingido uma maior produtividade também. Com pouco mais do que três horas de trabalho na roça por dia, um homem Kuikuru é capaz de produzir uma quan-

tidade de excedente sazonal substancial de mandioca. Se houvesse razão para fazê-lo, ele poderia facilmente ter trabalhado uma hora extra por dia e produzido um verdadeiro excedente, quer dizer, um excedente maior e acima do que sua família necessitaria em um ano. Por que os agricultores Marajoaras não poderiam ter feito isso? E com relação ao tamanho do assentamento que teria que ser sustentado, eu demonstrei anos atrás que, no que tange à agricultura, os Kuikuru poderiam ter sustentado, no mesmo local e sem ter que se mover, uma aldeia de cerca de 2000 pessoas – duas vezes maior do que a estimativa de Roosevelt para a população de Teso dos Bichos (Carneiro, 1960:232).

## Fatores envolvidos na emergência dos cacicados

Nós precisamos agora voltar atrás um pouco e considerar, em uma perspectiva ampla, os vários fatores envolvidos na emergência de cacicados, e a maneira pela qual esses fatores interagem para surtir tal resultado. Em minha opinião, nem Meggers nem Roosevelt possuem uma compreensão clara sobre o processo de formação dos cacicados. Pelo menos nenhuma delas têm articulado um relato claro, detalhado e compreensivo de exatamente como pensam que os cacicados surgiram. Com uma teoria própria na mão, então, muito do mistério em torno da emergência do cacicado Marajoara, assim como de outros cacicados amazônicos, pode ser dissipado.

Na poeira da batalha entre Meggers e Roosevelt, certas questões-chave têm sido negligenciadas ou obscurecidas. Muito tem sido dito, talvez, sobre a maior fertilidade da várzea com relação à terra firme. Essa diferença era, é claro, importante, mas existiam outros fatos relativos a esse assunto. Por exemplo, nós devemos ter em mente que a várzea tem suas desvantagens também. E essas desvantagens podem em verdade

ter jogado um papel construtivo na emergência de cacicados. Uma dessas desvantagens é, como já vimos, a inconsistência da várzea: o fato de que em certos anos pode ainda estar sob as águas quando chega a hora de plantar. E deve-se então lidar com os problemas que isso cria. Meggers se baseia neles para propor algo que em seus escritos é o mais próximo de uma teoria sobre como os cacicados surgiram:

a necessidade de monitorar o regime do rio [Amazonas], estabelecer a época para plantar, e arranjar e dirigir a força de trabalho levou à emergência de chefes e pajés com autoridade para requerer obediência (Meggers, 1984:643).

Mas aqui eu acho que Meggers escolheu o caminho errado na encruzilhada. A mini-teoria encapsulada nessa passagem parece ser voluntarista, e como tal sofre dos defeitos de todas as teorias voluntaristas, como argumentei anteriormente.

A outra desvantagem da várzea, que vou examinar agora, é sua escassez. Desde que, em adição a ser louvada, a várzea é também limitada quanto à sua ocorrência, uma vez que as populações amazônicas tinham crescido a um certo tamanho, a várzea veio a faltar. E não havendo em quantidade suficiente, a competição em torno dela iniciou-se.

A cadeia de eventos que então se desenvolveram, que culminou com a emergência de cacicados, teve como um de seus elos intermediários a concentração de recursos. E esse fator, que teve um papel na formação de cacicados ao longo do rio Amazonas, muito provavelmente jogou papel similar no Marajó. Meggers e Roosevelt dizem pouco sobre esse ponto, mas se olharmos para um mapa dos sítios Marajoara (por exemplo, Meggers & Evans, 1957:296; Roosevelt, 1991:9), esses sítios parecem agrupar-se mais densamente a leste do lago Arari, o maior lago na ilha. Seja qual for a concentração de peixe hoje, pare-

ce provável que esse lago era uma fonte importante de proteína aquática para a população aborígine dos arredores durante os séculos passados. E competição pela proximidade do lago e pelos direitos de pescar deve ter jogado um papel crucial no processo que levou à formação de cacicados.

Roosevelt (1989:82) observa que, apesar da emergência de cacicados na ilha de Marajó em torno de AD 400 ter ocorrido muito antes do que tinha sido anteriormente previsto – foi, entretanto, mais tarde do que na costa do Peru. Isso, é claro, está completamente de acordo com nossas explanações teóricas. No que tange aos fatores favorecendo o desenvolvimento político, os vales da costa peruana têm a vantagem distinta com relação ao Marajó por serem muito mais agudamente circunscritos. O crescimento da pressão populacional levando eventualmente à emergência de cacicados teria ocorrido muito mais rapidamente lá. Sendo menos altamente circunscrito, Marajó, por seu turno, teria que esperar o efeito mais vagaroso da concentração de recursos para dar origem à circunscrição social e a relativa pressão populacional: isso, em seu turno, teria resultado em competição sobre a terra, com os resultados que decorrem daí.

Não devemos perder de vista o fato, entretanto, que, sendo uma ilha, Marajó era mais circunscrita geograficamente do que muitas áreas da Amazônia. Conseqüentemente, não é surpresa – de fato, é teoricamente esperado – que o mais antigo cacicado até agora identificado na Amazônia deveria ter emergido na ilha antes do que em áreas adjacentes.

## O papel da guerra

Dos diversos fatores contribuindo para a formação dos cacicados, o mecanismo mais diretamente envolvido na sobreposição da autonomia da aldeia, e

a criação de cacicados compostos por várias aldeias, foi a guerra. De fato, Meggers tem consistentemente negado à guerra um papel nesse processo evolucionário. Ela falha em perceber a guerra, causada em grande parte pela pressão populacional, como a única maneira pela qual a autonomia da aldeia poderia ser transcendida.

Aqui e acolá, Meggers toca a bainha da pressão populacional e seus efeitos, mas ela nunca veste a camiseta. Ainda que algumas vezes reconheça a existência de pressão populacional, ela falha em perceber suas várias nuances. Então ela escreve que

o deslocamento [de povos] exibidos nas seqüências em Marajó, no médio Orenoco, e no baixo Orenoco implica em 'pressão populacional', mas a pressão deriva antes de uma diminuição nos recursos do que um aumento em população (Meggers, 1988a:291).

Isso pode ser verdade, mas, de maneira geral, não importa. Pressão populacional é pressão populacional. Se causado por um aumento de pessoas ou uma diminuição de terras, uma vez que a oferta de terra arável cai abaixo da demanda, o palco está armado para uma aquisição forçada, pela expropriação de seus vizinhos.

Roosevelt, por outro lado, aprecia grandemente o papel da guerra na evolução política da Amazônia. Ela está ciente de que, durante o período do contato inicial, os cacicados do baixo Amazonas são claramente descritos como tendo paz interna e guerras ativas contra seus vizinhos por todos os lados... (Roosevelt, 1991:441). E ela não se envergonha de projetar esse estado de coisas para tempos recuados:

...sociedades complexas somente aparecem na Amazônia em torno da era Cristã, quando o crescimento populacional tinha finalmente enchido as vastas planícies inundáveis e criado o contexto para inevitável conflito social (Roosevelt, 1991:436, ver também 114).

Mas ela não está certa sobre exatamente como a guerra funcionava nesse contexto. Então ela escreve: ... a história da guerra na Amazônia etnográfica e pré-histórica e sua relação com padrões culturais e organizacionais é ainda obscura (Roosevelt, 1991:414).

Referindo-se à ilha de Marajó especificamente, Roosevelt diz que

um melhor entendimento da evidência para a guerra e sua história durante a pré-história Marajoara é necessária para elucidar seu possível papel na emergência, manutenção e declínio da cultura (Roosevelt, 1991:407).

De fato, parte desse "melhor entendimento" tem começado a emergir através de seu próprio trabalho na ilha. Entre as feições arqueológicas que ela descobriu em Teso dos Bichos estavam estruturas de terra que pareciam circundar o topo do teso (Roosevelt, 1991: 185, 423). Essas estruturas monumentais, ela diz, são estruturas de um tipo que nunca foram reconhecidos, mapeados ou escavados em sítios Marajoaras até agora (Roosevelt, 1991:422).

Como são essas estruturas interpretadas? Das diversas funções que podem ter servido, Roosevelt (1991:401) diz, uma possibilidade é que as estruturas eram fortificações construídas sobre assentamentos contemporâneos para ajudar a repelir ataques militares. Mas falando da possível importância da guerra nas origens e crescimento de cacicados (Roosevelt, 1991:422) em Marajó, ela acredita que mais escavações são necessárias... para acessar a probabilidade de funções ... defensivas (Roosevelt, 1991:402).

Supondo que essas estruturas de terra eram muros defensivos – e é difícil imaginar o que mais poderiam ter sido – sua evidência oferece algumas pistas importantes sobre a pré-história Marajoara. Elas apontam claramente para a presença de guerras recorrentes e intensas na ilha. Nada menos do que isso le-

varia as pessoas a investir tanto trabalho em tal projeto. Mas quando essa guerra teve lugar? Roosevelt (1991:333) data as estruturas em Teso dos Bichos à subfase Pacoval, que iriam colocá-las em torno de AD 800-1000. Entretanto, a guerra pode bem ter precedido e seguido esse período. A questão prontamente surge, quantos tesos na ilha eram defendidos dessa forma? Roosevelt não sabe, mas sugere que, *...a distribuição de estruturas defensivas no território Marajoara poderia indicar se era guerra interna ou externa* (Roosevelt, 1991: 407).

Se muitos tesos eram defendidos por estruturas, como parece provável, isso claramente apontaria para guerra interna, isso é guerra dentro da ilha. Isso, por sua vez, fortemente sugere que pelo menos durante as fases Marajoaras mais antigas – a ilha era dividida em um número de aldeias autônomas de tamanho médio a grande, ou talvez pequenos cacicados, que freqüentemente guerreavam uns com os outros. Tal guerra poderia ser um resultado esperado do crescimento populacional na ilha uma vez que esse crescimento tenha produzido uma carência de terra arável.

Durante sua história inicial, então, Marajoara poderia ser vista como abarcando muitas aldeias independentes ou cacicados guerreando entre eles por vantagens ecológicas e ascendência política. Se o processo algum dia culminou na unificação política da ilha é, claramente, uma questão maior. E, como vimos, Roosevelt tem evitado bastante esse assunto. Teria que ter havido uma unificação política na ilha, então, para que Marajoara atingisse a escala de desenvolvimento que Roosevelt gostaria de atribuir a ela. Somente então poderíamos razoavelmente começar a pensar sobre guerras externas, em que a sociedade Marajoara, agindo como uma unidade, se lançaria contra algum outro cacicado no baixo Amazonas.

## O florescimento e a morte dos cacicados

Ainda que não reconhecendo totalmente as causas dos processos que levaram à emergência dos cacicados amazônicos, Meggers (1984:629) está certamente ciente de suas conseqüências. Portanto, ela escreve:

Após o começo da era Cristã, o registro arqueológico torna-se mais completo e uma diferença em complexidade cultural entre grupos residindo ao longo da várzea e aqueles habitando a terra firme torna-se cada vez mais aparente. Na época da conquista européia, a primeira caracterizava-se por grandes assentamentos permanentes, estratificação social incipiente, divisão social do trabalho, e chefes que detinham poder absoluto sobre seus súditos.

E sua descrição dos cacicados continua como se segue:

Estimativas da população dos assentamentos ao longo da várzea varia de cerca de 200 a muitos milhares. Apesar de parentesco continuar a ser importante para regular muitos aspectos da vida social, era suplementado pela estratificação e divisão do trabalho. Governantes e comuns eram diferenciados; especialistas produziam cerâmica e outros tipos de objetos, que era trocados por alimentos. Prisioneiros tomados na guerra não eram adotados, como entre os grupos de terra firme, mas tornavam-se escravos. Religião era elaborada e formalizada; ídolos mantidos em templos especiais e freqüentados por sacerdotes e tratados com preces e oferendas (Meggers, 1984:643).

Essas passagens, no entanto, representam o nível máximo do reconhecimento da existência de cacicados na Amazônia por parte de Meggers. A partir de então, uma reversão contínua dessa visão tem marcado seu pensamento, uma reversão que tem levado, passo a passo, de volta a algo aproximando suas opiniões dos anos 1950. Enquanto Meggers aceitava, como tal, os relatos dos primeiros viajantes do Amazonas (Carvajal, Úrsua, Acuña, etc), que reportavam a existência de grandes e poderosos chefaturas ao longo de grandes

extensões do rio, ela agora abertamente as questiona (Meggers, 1992a: 203).

Dois fatores parecem estar por trás desse desafio. Primeiro, no que tange a Marajoara, existe a evidência acumulada, já citada, de que o leste do Marajó era terra firme e não várzea. E, em face da baixa consideração que Meggers tem pela capacidade de carga da terra firme, ela está pronta para afirmar uma vez mais que a cultura Marajoara deve ter sido intrusiva em Marajó, e uma vez estabelecida lá, procedeu a declinar porque o habitat adotado não poderia suportá-la adequadamente. Então, falando da tradição cerâmica policrômica, cuja presença é geralmente considerada diagnóstica de culturas de nível cacicado, Meggers diz:

Uma origem [para ela] fora da Amazônia no noroeste da América do Sul, apoiada por datações radiocarbônicas existentes, está de acordo com a evidência para a ocorrência generalizada de um nível de desenvolvimento sociopolítico similar (por exemplo, cacicados), na área dos Andes e Circum-Caribenha. A dispersão parece ter sido rápida ao longo do baixo Amazonas e subindo o rio Madeira, onde solos férteis de várzea e uma rica fauna aquática proporcionaram uma fonte de alimentos segura. Em Marajó, a fase Marajoara declina de uma sociedade inicialmente estratificada para uma não estratificada, como seria de se esperar se fossem deslocados de uma região apta para cultivo intensivo para uma com potencial agrícola limitado... (Meggers, 1987:158)

Mas Marajó não era a única área da Amazônia onde cacicados introduzidos provaram serem efêmeros. Meggers continua:

A curta duração característica de grandes assentamentos representando a tradição policrômica ao longo do Napo no oeste do Equador implica que, aqui também, o nível de complexidade cultural dos invasores excedeu o que poderia ser sustentado pelos recursos de subsistência locais. Em ambas as instâncias, a simplificação cultural parece atribuível a inadequações inerentes no ambiente local antes do que deterioração temporária (Meggers, 1987:158).

Entretanto, se o lado apostado da Amazônia provou ser incapaz de sustentar os cacicados, isso ainda deixa o Amazonas Central como um lar viável para sua emergência e florescimento. E Meggers (1971:121-149) havia descrito com algum detalhe considerável os cacicados Omágua e Tapajós, que foram encontrados lá em tempo históricos. Recentemente, no entanto, Meggers mudou de rumo e veio a questionar a existência de cacicados aqui também. Suas dúvidas são baseadas em grande parte nos resultados das prospecções arqueológicas mencionadas anteriormente, que, como temos visto, não encontraram nenhum sítio de assentamento grande que Meggers não interpretaria como caso de múltiplas ocupações sucessivas no mesmo local antes que os remanescentes de um único assentamento. Em função disso, ela é agora levada a escrever:

Os dados ecológicos, etnográficos e arqueológicos estão em conflito com os relatos etnohistóricos que têm sido a fonte primária para a estimativa do tamanho da população pré-colombiana. Esses descrevem assentamentos estendendo-se por léguas ao longo das margens do Amazonas, organizados e províncias governadas por poderosos chefes. Tais descrições são também difíceis de reconciliar com a topografia. Com algumas notáveis exceções, os canais dos rios passam através da planície inundável, fora da vista dos terraços ocupados hoje e no passado ... [e] a localização favorecida para assentamento permanece ao longo das margens não inundáveis de lagos, invisíveis do canal (Meggers, 1992a:203).

A última frase de Meggers significa que Orellana e outros antigos viajantes navegando ao longo do canal principal do Amazonas, não teriam visto grandes assentamentos que devem ter existido nas vizinhanças, e que quaisquer relatos de tais assentamentos devem, portanto, serem suspeitos. Meggers então continua:

Apesar de grandes áreas das terras baixas serem desconhecidas arqueologicamente, existe pouca razão para esperar que trabalhos futuros irão alterar o quadro existente

significativamente. A conclusão de que os primeiros relatos visuais exageraram a densidade populacional indígena parece inegável (Meggers, 1992a:203).

Mesmo mais recentemente, Meggers (1992c:38) escreveu, de forma meio ambígua, que *complexidade cultural pode existir na ausência de organização hierárquica ...*, como sugerindo que a ornamentada cerâmica policrômica previamente tomada como indicativa de um nível cultural do tipo cacicado pode não necessariamente ser tal. O avanço técnico representado por essa cerâmica (ela agora pode estar expressando) poderia ter sido obtida e mantida por uma sociedade que não tivesse nem chefes supremos nem estratificação social.

Ainda que as passagens recém citadas podem não representar uma completa reversão por parte de Meggers das opiniões que ela expressou em seu artigo clássico de 1954, elas certamente marcam um afastamento significativo do que ela estava dizendo de 1971 à metade dos anos 1980. O que podemos dizer sobre essa manobra?

Primeiramente, com relação à falta aparente de evidência arqueológica encontrada até agora para as grandes aldeias reportadas pelos primeiros cronistas, me parece que tal evidência negativa deve ser interpretada com cautela. Nós podemos fazer melhor, de fato, do que prestar atenção aos próprios conselhos de Meggers, expressados anteriormente, sobre por que os sítios arqueológicos na Amazônia são tão difíceis de localizar:

Sítios cerâmicos são freqüentemente obscurecidos por vegetação, sedimentação, e erosão. Dificuldades de acesso e a imensidade da região são fatores adicionais dificultando a descoberta (Meggers, 1991:195).

Diversos fatores podem ser responsáveis [para a ausência aparente de sítios]: (1) grandes áreas da região permanecem desconhecidas arqueologicamente; (2) sítios ao longo da várzea estão sujeitos a oblitera-

ção por erosão ou deposição de lama; (3) sítios sobreviventes mais provavelmente estão em canais antigos e não ativos, tornando-os mais difíceis de serem encontrados... (Meggers, 1984:628-629).

Dito o suficiente.

Em seguida, vamos considerar as dúvidas de Meggers sobre a precisão dos relatos dos cronistas. Como Meggers (1991:198-199) escreveu, *os primeiros europeus a explorarem a Amazônia relataram grandes assentamentos ao longo da várzea e formas de organização social característica de cacicados*. Logo, se os relatos desses exploradores são verdadeiros, não se questiona que o nível cultural existente ao longo do Amazonas no século XVI era muito maior do que o nível geral da floresta tropical que prevalece na Amazônia de hoje. Enquanto os relatos dos cronistas se estendem por centenas de anos, eles são consistentes uns com os outros em reportadas sociedades prontamente reconhecíveis como cacicados.

Para ser exato, aqui e ali, naquilo que os cronistas escreveram, existem passagens que parecem ser exageros, ou mesmo fabricações, como quando Carvajal relata que os espanhóis encontraram mulheres guerreiras, as famosas "Amazonas", que deram ao grande rio seu nome. Mas em sua maior parte, esses primeiros relatos surpreendem por terem um quê de verdade, e tendem a corroborar uns com os outros. Além disso, ninguém até agora questionou sua veracidade essencial. Na verdade, Meggers não negou peremptoriamente a veracidade desses relatos, e é necessário a ela, eu penso, colocar-se precisamente nessa posição. Deixando de lado o Marajó, que ela considera terra firme, deixemo-la falar somente do Amazonas Central onde a várzea era indiscutivelmente presente. E então vamos deixá-la escolher entre essas duas alternativas: (1) cacicados poderiam e de fato emergiram de forma autóctone na Amazônia central ou (b) cacicados não po-

deriam ter emergidos e sustentados ali, e relatos ao contrário são falsos. Vamos esperar sua decisão.

## A emergência de cacicados em uma perspectiva etno-histórica

Em alguns momentos nas páginas precedentes eu apontei os fatores que eu penso operaram na Amazônia para dar origem aos cacicados. E, até certo ponto, eu procurei indicar como eles interagiram para atingir seu feito. No entanto, quanto mais precisamente apontarmos a seqüência de passos pelos quais esse processo ocorreu, mais convincente nossa narrativa desse processo irá ser. Ou, se isso é muito otimista, pelo menos mais facilmente a teoria pode ser desafiada e corrigida. De acordo com isso, eu gostaria de considerar agora alguma evidência etnohistórica que indica como esses fatídicos primeiros passos, que levaram das aldeias autônomas aos cacicados, devem ter acontecido.

Voltando a alguns dos trabalhos etno-históricos realizados recentemente na Amazônia, nós podemos dizer que sustentam algumas pistas sobre como a autonomia das aldeias foi na verdade sobrepujada e cacicados estabelecidos. Estudos sobre os Caribes e Tupinambás do século XVI são particularmente sugestivos a esse respeito. Eles nos mostram sociedades que estavam, seja no limiar de tornarem-se cacicados, ou tinham na verdade cruzado esse limite.

Olhando primeiramente para os Caribes da costa e do interior da Guiana, o trabalho de Neil Whitehead (1988, 1990) tem lançado nova luz na organização política entre essas sociedades bastante guerreiras. Algumas aldeias Caribe tinham dois chefes, um chefe da guerra e um chefe de paz, mas em outros os dois estavam diluídos no mesmo indivíduo. Uma vez que em tempos de guerra esperava-se que ambos os chefes lutas-

sem, cada um devia passar por severos testes antes de assumirem seus respectivos postos (Whitehead, 1988:60-63).

Entre os caribes dos Llanos Venezuelanos, Whitehead (1988:61) nos conta que *cada aldeia tinha um cacique e ... a honra poderia ... ser dada a um homem que era bravo na batalha ou que tinha matado um animal temido ...* Entretanto, uma reputação por bravura não era suficiente para obter o posto:

o aspirante teria que suportar o teste de viver de mandioca e água por um mês, e beber periodicamente grandes quantidades de suco de tabaco. Se o candidato sobrevivia a esse processo, era nomeado 'capitão' ... Entretanto, a severidade dessa iniciação poderia ser diminuída se não se esperasse que o capitão fosse também o chefe da guerra (Whitehead, 1988:61-62).

Quando uma expedição de guerra estava para ser realizada, diversas aldeias juntavam forças.

Cordas com nós ou um arco era mandados a aldeias vizinhas e os guerreiros reunidos. Entre esses parece que havia um grupo definido de chefes de guerra, dentre os quais o líder da expedição seria escolhido (Whitehead, 1988:60-61).

Nesses grupos de guerreiros,

a liderança das... expedições de guerra parece ser decidida seja pela concordância com daqueles reunidos para aquele propósito ou pelo deferimento ao indivíduo que tinha iniciado a empreitada, logo, claramente, qualquer um dos indivíduos teria tido que demonstrar orgulho na guerra e a tomada de cativos para ser considerado para tal papel (Whitehead, 1988:60).

Qual era o tamanho dessas expedições de guerra? Os relatos antigos indicam uma média em torno de 300 a 400 guerreiros por expedição, sugerindo a Whitehead (1990:153) que alianças militares temporárias abarcavam quatro ou cinco aldeias. Ocasionalmente, então uma força de 1.000 ou mais homens era liderada (Whitehead, 1988:61).

Entretanto, a suprema autoridade conferida para os comandantes milita-

res de uma expedição de guerra não continuava além do final das hostilidades, apesar do chefe de guerra manter *considerável influência entre um número de aldeias relacionadas* (Whitehead, 1988: 63). Então *era somente em tempos de conflito que os chefes de guerra tinham posição e especial precedência na piroga [canoa]* (Whitehead, 1988:62).

Os Caribes do continente então nos mostram não mais do que primeiros passos em direção à formação dos cacicados. Somente em tempos de guerra, e então somente temporariamente, era um homem capaz de exercer autoridade sobre mais do que sua própria aldeia. No entanto, nas pequenas Antilhas, a evolução política tinha ido além. Ajudado sem dúvida pela aguda circunscrição geográfica que pequenas ilhas conferem, os Kalinago ou Caribes ilhéus tinham avançado ao passo seguinte. Aqui, poderosos chefes de guerra tinham sucedido em estabelecer hegemonia sobre todas as aldeias da ilha. E essa autoridade era evidentemente substancial. Então, de acordo com Padre Roquefort, *na presença do cacique da ilha nenhum homem fala se ele não pergunta ou manda-o fazê-lo* (apud Roth, 1924:568).

Mas o processo de evolução política tinha ido ainda mais longe do que isso. Durante expedições de larga escala, diversas ilhas poderiam unir suas forças e mandar uma imensa frota de canoas de guerra para atacar seus inimigos. E para tal expedição militar, um dos vários chefes de guerra era escolhido como supremo comandante de toda a esquadra. Mesmo assim, o poder assim assumido, diferentemente do chefe da ilha, durava somente pela duração da expedição. De qualquer maneira, enquanto observando que depois a guerra um Kallinago *ou-boutou, ou cacique principal, tinha nenhuma autoridade, mas somente sobre sua própria ilha*, Padre Roquefort adicionou, *verdade é que se ele tivesse se comportado de forma galante em sua empreitada ele seria sempre altamente*

*respeitado em todas as ilhas* (apud Roth, 1924:573).

Em suma, então, cacicados tinham já emergido pelo mesmo em algumas ilhas das pequenas Antilhas, e esses cacicados eram o resultado direto de um líder de guerra tendo obtido dominância política sobre todas as aldeias da ilha.

Voltando agora aos Tupinambás da costa brasileira, nós novamente encontramos o confuso quadro do desenvolvimento político. Algumas aldeias eram livres de subordinação, exceto durante tempos de guerra. Em certas áreas, no entanto, verdadeiros cacicados multi-aldeias surgiram. Esse fato foi observado tão cedo quanto 1948 por Alfred Métraux em seu artigo sobre os Tupinambás no Handbook of South American Indians. Lá, Métraux (1948:113) escreve: *alguns chefes estendem seu poder sobre um grande distrito e comandam de fato muitas aldeias*. Muitos amazonistas, então (incluindo esse), tendem a considerar os Tupinambás como estando ao nível de aldeia autônoma (floresta tropical).

O fato é que existe evidência para citar em ambos os lados. Pelo lado do argumento de aldeia autônoma, poderíamos citar Gabriel Soares de Souza que, depois de descrever os poderes de um chefe Tupinambá durante tempos de guerra, observou por contraste que, *em tempos de paz cada pessoa faz o que tem vontade* (citado por Fernandes, 1963:329).

Alguma evidência do outro lado do caso tem sido recentemente citada por William Balée como parte de sua reinterpretção das causas da guerra Tupinambá. Então Balée (1984:254-255) escreve:

Os Tupis da costa ... tinham evoluído em cacicados em torno de 1500. Entre os falantes tupi Tamoios do Rio de Janeiro, o cronista capuchinho Ives d'Evreux declarou que 'cada habitação (isto é, casa) tem seu chefe. Esses quatro chefes estão sob as ordens do chefe da aldeia, que junta-

mente com aqueles e muitas vilas obedecem o grande chefe da província’.

Essas diferenças em nível de organização política eram aparentemente regionais. No final, os Tupinambás estavam distribuídos ao longo de mais de 2000 milhas de linha de costa, logo se esperava que variassem em sua estrutura política. Mas mesmo se nem todos os Tupinambás tinham desenvolvido cacicados, é bastante evidente que alguns tinham. E uma vez mais parece claro como água que a causa básica da agregação política supra-aldeia era militar. Como os Caribes, os Tupinambás eram bastante guerreiros. E, como na maioria das áreas onde guerra era freqüente e intensa, alianças militares entre aldeias eram formadas, e guerreiros temidos eram selecionados para liderar suas forças combinadas.

As guerras Tupinambás eram às vezes operações de larga escala, e chefes de guerra poderiam contar com muitos guerreiros para liderar. Das estimativas dadas pelas fontes do século XVI como Lopes de Sousa, Léry, e Thevet, Balée (1984:254) calcula que as maiores expedições militares poderiam comandar entre 4000 e 12000 homens. E os chefes de guerra que lideravam essas vastas expedições, homens cujos nomes tem chegado a nós, como Cunhambebe, Japí-Açú e Abat-Pocanga, ganharam um reconhecimento permanente que estendeu-se muitas milhas além das fronteiras de suas próprias aldeias (Fernandes, 1963:329). Logo, se algum desses líderes não se tornou de fato o chefe supremo permanente de muitas aldeias adjacentes, ele certamente estaria no limiar de tornar-se.

A questão ainda permanece, no entanto, sobre como a subordinação de um número de aldeias previamente autônomas a um homem – a assinatura do cacicado – em verdade acontece. Até recentemente, minha suposição tinha sido de que tal subordinação tinha resultado de que o chefe mais forte na região teria

sucessivamente vencido e incorporado um número de aldeias vizinhas. Entretanto, os dados sobre os Caribes e Tupinambás que citei acima sugerem uma possibilidade diferente.

Como temos visto, era a regra entre os Caribes e os Tupinambás que diversas aldeias juntavam forças em tempos de guerra. E então, para que seus esforços militares fossem mais efetivos, era normal para eles selecionarem o guerreiro mais capaz entre aqueles e colocá-lo no comando de seu ataque. Esse líder temporário era agraciado com poderes extraordinários, que terminavam quando as hostilidades cessavam. Nesse ponto, cada aldeia retornava à sua condição normal de autonomia política. Com somente um chefe de aldeia como líder.

Mas agora consideremos o seguinte cenário. Suponhamos que um chefe especialmente poderoso e ambicioso, que teria feito crescer seus poderes ainda mais relutantemente depois de cada conflito, decidisse, depois de repetidos sucessos, ter seu poder aumentado e encorajado sua ambição a não ceder mais em seu poder. O que poderia ter acontecido? Se ele pudesse fazer com que suas intenções vingassem – e teria sido um sério risco para qualquer um se opor a ele – ele poderia a partir de então se tornar o primeiro chefe supremo da região, e as aldeias sob suas ordens o primeiro cacicado.

A evidência é ainda insuficiente para permitir uma clara escolha entre esses dois caminhos alternativos. E nós parecemos não ter nenhum registro de que alguém em alguma instância verdadeiramente observou o “ponto crítico” em que as aldeias autônomas foram abruptamente transformadas em cacicado. Mas a evidência que eu tenho me inclina mais e mais em direção a aceitar o último caminho em direção aos cacicados como o mais provável. Independente dos resultados dessa questão, então nossa pesquisa sobre os dados etnohistóricos

da Amazônia tem ao menos nos levado a dirigir nossa atenção a uma questão maior que tinha, previamente, dificilmente sido colocada.

Em resumo, eu tentei nesse artigo traçar a história e teorias propostas para dar conta da presença de cacicados na Amazônia. Além disso, eu apresentei, defendi e melhorei minha própria teoria. Eu acredito que nos últimos anos pode-se discernir uma certa convergên-

cia de opiniões sobre a questão dos cacicados amazônicos. Para falar a verdade, todas as linhas ainda não se encontraram, mas os dados da arqueologia, etnografia e etnohistória acumulam, e enquanto os teóricos continuam a aparar a arestas das explanações uns dos outros, talvez um consenso final irá eventualmente surgir. Isso, ao menos, é o objetivo que nós todos deveríamos estar perseguindo.

## Referências Bibliográficas

ACUÑA, P.C. 1859. A New Discovery of the Great River of the Amazons. *Expeditions into the Valley of the Amazons*. Trad. De R.C. Markham. Londres, Hakluyt Society.

\_\_\_\_\_. 1891. Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas. In: *Colección de libros que tratan de América, Raros y Curiosos*. Vol. 2. Madri.

BALÉE, W. 1984. The Ecology of Ancient Tupi Warfare. In: FERGUSON, R.B. (Org.) *Wafare, Culture, and Environment*. Orlando, Florida, Academic Press, pp. 241-265.

CARNEIRO, R.L. 1960. Slash-and-Burn Agriculture: A Closer Look at its Implications for Settlement Patterns. In: WALLACE, A. F. C. (Org.) *Men and Cultures*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 229-234.

\_\_\_\_\_. 1961. Slash-and burn Cultivation among the Kuikuru and its Implications for Cultural development in the Amazon Basin. In: WILBERT, J. (Org.) *The Evolution of Horticultural Systems in native South America: Causes and Consequences*. Caracas, Venezuela, Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, pp. 47 -67.

\_\_\_\_\_. 1970. A Theory of the Origin of the State. *Science*, 169: 773-738.

\_\_\_\_\_. 1987. Further Reflections on Resource Concentration and It's Role in the Rise of the State. In: MANZANILLA, L. (Org). Bar (British Archaeological Reports) International Series 349. Reprinted from *Studies in the Neolithic and Urban Revolutions. The V. Gordon Childe Colloquium*, México, 1986, pp.245-260.

\_\_\_\_\_. 1992. The Calusa and The Powatan, Native Chiefdoms of North America. *Reviews in Anthropology*, 21: 27-38.

CHAGNON, N.A. 1968. The Culture-Ecology of Shifting (Pioneering) Cultivation Among the Yanomamo Indians. *Proceedings of the VIII International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Vol. 3: Ethnology an Archaeology. Tokyo and Kyoto, pp. 249-255.

EVANS, C. 1955. New arqueological Interpretations in northeastern South America. In: *New Interpretation of Aboriginal American Culture History*. 75<sup>th</sup> Anniversary Volume of the Anthropologist Society of Washington. Washington, D.C, pp. 82-84.

\_\_\_\_\_. 1971. Review of The Upper Amazon by Donald Lathrap. *American Anthropologist*, 73: 1414-1416.

FERDON, E.N.Jr. 1959. Agricultural Potential and the Development of Cultures. *Southwestern Journal of Anthropology*, 15:1-9.

FERNANDES, F. 1963. *Organização Social dos Tupinambás*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

GUMILLA, J.P. 1963. *El Orinoco Ilustrado y Defendido*. Biblioteca de la Academia Nacional de la História, No. 68. Caracas, Venezuela.

- LATHRAP, D. 1970. *The Upper Amazon*. New York, Praeger Publishers.
- LOUREIRO, A. 1986. *A Grande Crise (1908-1916)*. Manaus, T. Loureiro & Cia.
- MAGALIS, J.E. 1975. *A Seriation of some Marajoara Painted Anthropomorphic Urns*. Tese de Doutorado. Universidade de Illinois.
- MEDINA, J.T. 1934. *The Discovery of the Amazon According to the Account of Friar Gaspar de Cavajal and Other Documents*. American Geographical Society Special Publication. No. 17.
- MEGGERS, B.J. 1954. Environmental Limitation of the Development of Culture. *American Anthropologist*. 56: 801-824.
- \_\_\_\_\_ 1971. *Amazonia, Man and Culture in Counterfeit Paradise*. Chicago, Aldine.
- \_\_\_\_\_ 1984. The Indigenous Peoples of Amazonia. Their Cultures, Land Use Patterns and Effects on the Landscape and Biota. In: SIOLI, H. (Org.) *The Amazon: Limnology and Landscape Ecology of a Mighty Tropical River and Its Basin*. Dordrecht, Netherlands, Dr. W. Junk Publishers, pp. 627-648.
- MEGGERS, B.J. 1987. The Early History of Man in Amazonia. In: WHITEMORE, T.C. & PRANCE, G. T. (Org.) *Biogeography and Quaternary History in Tropical America*. Oxford Monographs on Biogeography. Oxford, Clarendon Press, pp. 151-174.
- \_\_\_\_\_ 1988a. Implications of Archeological Distributions in Amazonia. (com Odemar F. Dias, Eurico Th. Miller, e Celso Perota). In: VANZOLINI, P.E. & HEYER, W.R. (Org.) *Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns*. Academia Brasileira de Ciências, pp. 275-294.
- \_\_\_\_\_ 1988b. Identification and Implications of a Hiatus in the Archaeological Sequence on Marajó Island, Brazil. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, 78:245-253.
- \_\_\_\_\_ 1990. Reconstrução do Comportamento Locacional na Amazonia. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, 6:183-203.
- \_\_\_\_\_ 1991. Cultural Evolution in Amazonia. In: RAMBO, A.T. & GILLOGLY, K. (Org.) *Profiles in Cultural Evolution, Papers from a Conference in Honor of Elman R. Service*. Anthropological Papers, Museum of Anthropology, University of Michigan, Nº 85.
- \_\_\_\_\_ 1992a. Prehistoric Population Density in Amazon Basin. In: VERANO, J.W. & UBELAKER, D.H. (Org.) *Disease and Demography in the Americas*. Washington, D. C., Smithsonian Institution Press, pp. 197-205.
- \_\_\_\_\_ 1992b. Review of Mound builders of the Amazon, Roosevelt, A. C. *Journal of Field Archaeology*. 19: 399-404.
- \_\_\_\_\_ 1992c. Amazonia: Real or Counterfeit Paradise? (Review of Mound builders of the Amazon, by Anna Curtenius Roosevelt. *The Review of Archaeology*, 13:25-40.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1957. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon. *Bureau of American Ethnology Bulletin*, vol. 167, Washington, D.C., Government Printing Office.
- MÉTRAUX, A. 1948. The Tupinambá. In: STEWARD, J.H. (Org.) *Handbook of South American Indians, The Tropical Forest Tribes*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143. Washington, D.C., Government Printing Office, 3: 95-133.
- BERG, K. 1955. Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. *American Anthropologist*, 57: 442-487.
- ROOSEVELT, A.C. 1980. *Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York, Academic Press.
- \_\_\_\_\_ 1989. Lost Civilizations of the Lower Amazon. *Natural History*, 98(2):74-82.
- ROTH, W.E. 1924. *An Introductory Study of Arts, Crafts, and Customs of Guiana Indians*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 38<sup>th</sup> Annual Report, 1916-1917. Washington, D.C., Government Printing Office.
- ROUSE, I. 1953. The Circum-Caribbean Theory an Archaeological Test. *American Anthropologist*, 55: 188-200.
- SERVICE, E.R. 1962. *Primitive Social Organization, an Evolutionary Perspective*. New York, Rodon House.
- STEWART, J.H. 1948a. Culture Areas of the Tropical Forest. In: STEWARD, J.H. (Org.) *Handbook of South American Indians, The Tropical Forest Tribes*, Bureau of American ethnology Bulletin 143, 3:883-899.

Carneiro, R. L.

\_\_\_\_\_ 1948b. The Circum-Caribbean Tribes: an Introduction. In: STEWARD. J.H. (Org.) *Handbook of South American Indians*. The Circum-Caribbean Tribes. Bureau of American ethnology, 4:1-141.

\_\_\_\_\_ 1949. South American Cultures: an Interpretative Summary. In: STEWARD. J.H. (Org.) *Handbook of South American Indians*. The Comparative Ethnology of South American Indians. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 5:669-772.